



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

SAMARA MARIA BELARMINO DA SILVA

**OS DISCURSOS SOBRE A FIGURA MASCULINA NOS TEXTOS DE NANA
QUEIROZ – ORGANIZADORA DA CAMPANHA “EU NÃO MEREÇO SER
ESTUPRADA”**

**MONTEIRO - PB
2017**

SAMARA MARIA BELARMINO DA SILVA

**OS DISCURSOS SOBRE A FIGURA MASCULINA NOS TEXTOS DE NANA
QUEIROZ – ORGANIZADORA DA CAMPANHA “EU NÃO MEREÇO SER
ESTUPRADA”**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa

Orientadora: Prof. Dr. Danielly Vieira Inô
Espíndola

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Samara Maria Belarmino da.
Os discursos sobre a figura masculina nos textos de Nana Queiroz - organizadora do movimento " Eu não mereço ser estuprada" [manuscrito] : / Samara Maria Belarmino da Silva. - 2017.

52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Danielly Vieira Inô Espíndola, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Masculinidade. 2. Nana Queiroz. 3. Análise do discurso.
4. Feminismo.

21. ed. CDD 305.4

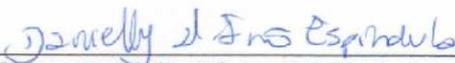
SAMARA MARIA BELARMINO DA SILVA

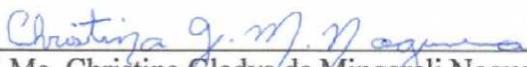
**OS DISCURSOS SOBRE A FIGURA MASCULINA NOS TEXTOS
DE NANA QUEIROZ – ORGANIZADORA DA CAMPANHA “EU
NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa

Aprovada em: 12/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Danielly Vieira Inô Espíndula (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Christina Gladys de Mingareli Nogueira (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Bruno Alves Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha amada avó Maria Belarmino da Silva,
dona de todo o meu amor e carinho. Mulher
forte, que me fez chegar até aqui.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças para concluir esse curso. Quantas vezes eu pensei em desistir? Quantas pedras no caminho eu encontrei, tive que ter muita coragem e sabedoria para enfrentar e só Deus poderia me dar essa força e mostrar pessoas maravilhosas que fizeram tudo ser mais fácil.

Agradeço a minha família: Painho, Mainha, minha irmã Samira e minhas duas avós. Como vocês são importantes na minha vida! Todas as vezes que eu voltei para casa desestimulada, cansada de aguentar tanta coisa e vocês me recebiam com tanto amor, cada volta era como se fosse a primeira, obrigada meus amores! Vocês realmente foram tudo para mim ao longo dessa caminhada, se não existissem, isso tudo não teria sentido.

Agradeço a minha amiga Cláudia Maria, que foi e é, uma grande amiga, fazendo meus dias mais felizes nessa cidade, minha companheira do lar que fez o BOM ser bom, de verdade! Um presente que Deus colocou na minha vida e sem ela teria sido tudo cinza e sem graça. Claudinha, não tenho palavras para expressar o carinho, amor e respeito que tenho por você! Obrigada minha amiga! Estou indo embora, mas com o coração cheio de lembranças positivas e saudades suas! Aproveito e agradeço a Nielson sempre prestativo comigo, um amigo do coração! Que Deus abençoe vocês!

Agradeço a Valéria a minha dupla dinâmica, (Respeita elas!) A que tornou minha vida acadêmica muito mais feliz, a que soube ser amiga, dupla de trabalho acadêmico, puxou minhas orelhas, aguentou minhas reclamações (não foram poucas) chorou comigo, sorriu, passou madrugada produzindo relatório e ainda achando pouco, foi para final porque fizemos as tarefas iguaizinhas (o professor não entendeu que as duas pensam iguais hahaha) Enfim são lembranças que levarei para a vida, e por isso te agradeço e fico feliz por ter sido você, minha companheira de curso. Que Deus te abençoe minha amiga!

Agradeço aos professores em especial ao professor Jordão Joanes, a quem eu tenho uma grande Admiração, as professoras Francicleide Liberato e Larissa Lucena, duas mulheres lindas e inteligentes que tive honra de ser monitora e aos demais professores, Luciana Nery, Hermano Oliveira, Marcelo Medeiros, Cristina Gladys e a Danielly Inô, Orientadora deste trabalho. Obrigada, por todos os ensinamentos!

Agradeço também aos funcionários do CCHE, aos bibliotecários que me aguentaram nesse último semestre (hahaha), os guardas, as meninas da limpeza e todos da coordenação, extensão e direção. Sempre muito educados e receptivos.

E agradeço especialmente ao professor que veio aparecer no penúltimo período desse curso, Bruno Alves Pereira, o professor mais certinho e pontual do CCHE. Aprendi muito com o senhor, (menos a pontualidade) as aulas de estágio foram enriquecedoras para mim. Agradeço por ter sido paciente comigo, quando chegava atrasada nas aulas ou conversava mais que o necessário nos diários de estágio, acho que dei um trabalhinho, mas se não fosse assim, não seria eu. Que Deus te abençoe grandemente professor, realmente o senhor nasceu para ensinar! Você é dez!

Agradeço ao meu povo daqui, que fez tudo ser mais fácil. Que me arrancou sorrisos e me ajudou quando eu precisei Dona Zanita, Dona Neide e seu Oriel, o amigo Haroldo, Bianca

Neves a presepeira que eu tenho tanto carinho, o professor Paulo Cesar (vulgo PC), Ygor Almeida, Lourdinha, Renato, Mirelly minha amiga de curso ao qual eu tenho enorme carinho, Erika Giselle e tantos outros que não lembro nesse momento, mas que tem também o meu eterno agradecimento, a passagem por Monteiro foi muito melhor na companhia de todos vocês!

Não poderia deixar de agradecer também a pessoa mais destrambelhada (eu) com cara de sono que faltava aulas, que brigou na faculdade, que sorriu, chorou, reclamou bastante, foi monitora, tirou 10, tirou 1 e foi para final tirou 10 novamente, cometeu gafes com professores, apresentou trabalho nervosa, passou noite em claro estudando, pagou multa na biblioteca, entregou tudo atrasado por que é atrasada e no fim de tudo, vai se formar. Valeu, Deus!

RESUMO

O presente artigo surgiu a partir de um interesse na Análise do Discurso e na temática feminista, por se tratar de um assunto em constante debate na sociedade contemporânea. Diante disso, nos propomos observar como os textos feministas constroem uma representação acerca da figura masculina. Para tanto, fizemos uma coleta de textos de uma coluna jornalística intitulada Dissemina que tem como autora a feminista Nana Queiroz, organizadora do movimento “eu não mereço ser estuprada”. Para analisar esse discurso categorizamos os recursos linguísticos mais utilizados por ela e como esses recursos influenciaram na construção discursiva dessa autora, nos valem dos conceitos de discurso, interdiscurso e as condições de produção oferecidas ao sujeito, para analisar os dados. Nosso objetivo partiu da identificação desse discurso a partir de uma perspectiva ideológica observando dessa forma, os recursos linguísticos mais utilizados bem como esse texto, através de seus recursos linguísticos constroem o já-dito. Na metodologia desta pesquisa, utilizamos o caráter documental selecionando o *corpus* de oito textos para a análise, nos baseando nos conceitos de Althusser (1970), Brandão (2007), Charaudeau (2006), Foucault (1971), Pêcheux (1975) Orlandi (2007, 2005), Ricoeur (1977). A partir do que nos foi oferecido pelos textos da autora, na análise dos dados que fizemos, encontramos os recursos de comparação, ironia e repetição para a construção da figura masculina na condição de algoz, no discurso de Nana Queiroz.

Palavras – chave: Discurso. Ideologia. Nana Queiroz. Figura masculina.

RESUMEN

El presente artículo surgió a partir de un interés en el Análisis del Discurso en la temática feminista, por tratarse de un asunto en constante debate en la sociedad. Delante de eso, nosotros proponemos observar como los textos feministas construyen una representación a cerca de la figura masculina. Por lo tanto, hicimos una coleta de textos feministas de una columna periodística intitulada Disemina que tiene como autora la feminista Nana Queiroz, pieza importante en el movimiento aquí en Brasil. Para analizar estos discursos categorizamos los recursos lingüísticos más utilizados por ella y como esos recursos influenciaron en la construcción y en las condiciones de la producción ofrecidas al sujeto, para analizar los datos. Nuestro objetivo partió de la identificación de ese discurso a partir de una perspectiva ideológica observando de esa forma, los recursos lingüísticos más utilizados bien como ese texto, a través de sus recursos lingüísticos construyen el ya-dicho. En la metodología de esta investigación, utilizamos el carácter documental seleccionando el corpus de ocho textos para la análisis, nos basando en los conceptos de Althusser (1970), Brandão (2007), Charaudeau (2006), Foucault (1971), Pêcheux (1975), Orlandi (2005,2007), Ricœur (1977). A partir de lo que nos fue ofrecido por los textos de la autora, en el análisis de los datos que hicimos, encontramos los recursos de la comparación, ironía y repetición para la construcción de la figura masculina en la condición de algo, en el discurso de Nana Queiroz.

Palabras clave: Discurso. Ideología. Nana Queiroz. Figura masculina.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
ANÁLISE DOS DADOS	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO A - Por que tem tanta gente com medo do feminismo?	43
ANEXO B - Precisamos de um feminismo que inclua os homens.....	44
ANEXO C - quer mudar o mundo, rapaz? Comece pela louça!	45
ANEXO D - Me dá licença para ser feia, faz favor?	46
ANEXO E - Não vamos mudar um marido por vez, mas uma deputada por vez	47
ANEXO G - 5 mandamentos para a sociedade ajudar criar bons pais	50
ANEXO H - Se todos acham errado encoxar, por que milhões são vítimas do crime? ...	51

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a figura feminina foi associada (em diferentes épocas e locais) à ideia de sexo frágil e submisso, cuja função principal estaria ligada à casa e aos filhos. Na Grécia antiga, por exemplo, as tarefas que exigiam força ou uso de inteligência e que estavam relacionadas a assuntos políticos eram destinados aos homens, enquanto às mulheres destinava-se o serviço doméstico; assim aconteceu em muitas civilizações. Diante disso, inevitavelmente surgiu uma divisão de papéis entre os gêneros masculino e feminino, essa separação não aconteceu de forma natural, mas em virtude de uma necessidade socioeconômica da sociedade, que distingue/associa o homem à superioridade física e intelectual, contrariamente à mulher, que é vista como um ser movido pelo sentimentalismo e cujo domínio se restringiria aos assuntos como “dona de seu lar”.

Em contrapartida a esse discurso sobre a mulher, surgiu, nas últimas décadas do século XIX, um movimento social conhecido como *feminismo*, ligado às reivindicações dos direitos da mulher. Os padrões impostos ao longo de séculos tiraram muitas garantias das mulheres, fazendo com que elas não tivessem o direito ao voto, ao ensino, à garantia de divórcio e, sobretudo, trabalho assalariado. Naquele momento, o movimento feminista surgiu como uma nova opção de pensamento e quebra de padrões institucionalizados, a exemplo do sistema patriarcal e questões que não são restritas somente ao “ser mulher”, como também as questões ligadas às desigualdades sejam elas de classe, étnicas, sociais e políticas, consolidando cada vez mais o espaço da mulher como ser atuante e presente na sociedade. Esse movimento sofreu transformações e se expandiu. Isso é perceptível pela constância do tema em debates públicos e pelo crescente número de publicações em diversas áreas relacionadas à temática (sociologia, história, direito, etc.) Como era de se esperar, esse debate circula em diferentes meios, entre eles, a internet.

Devido a esse grande poder de repercussão da Internet e oferta de espaço para os discursos de movimentos sociais, surgem constantemente embates por parte daqueles que não concordam com determinadas ideologias. Tendo em vista esse alcance, é importante estudar como os textos estão sendo construídos dentro desse contexto atual, reconhecendo e ressaltando a interdiscursividade, a partir do momento em que esses textos dialogam com outros discursos que circulam socialmente acerca da mesma temática. O discurso feminista mexeu com assuntos enraizados na sociedade e, mediante esses embates ideológicos, passou a ser visto como polêmico quando se fala em figura masculina. Geralmente, os discursos feministas abordam a

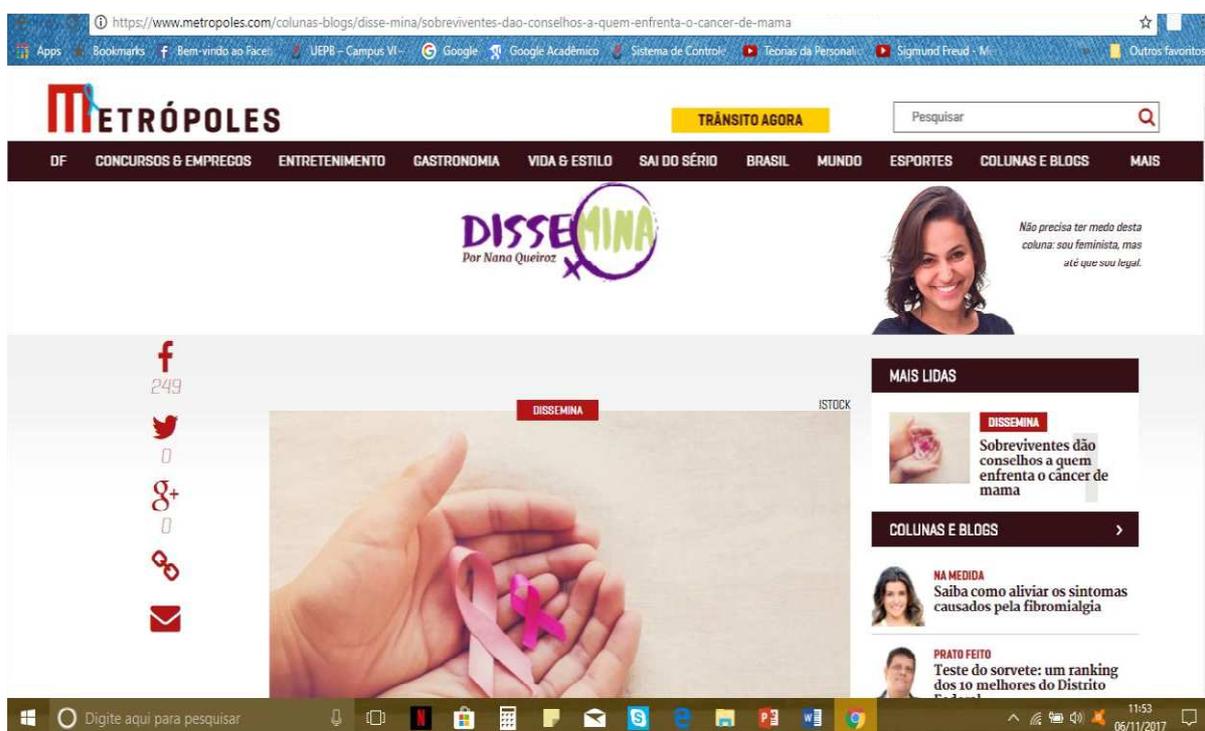
mulher, mas muitos o fazem a partir de um contraste em relação à figura masculina. Por isso, propomos com nosso trabalho responder à seguinte pergunta: “*Que discursos sobre a figura masculina estão presentes nos textos de Nana Queiroz*”. Nosso principal objetivo com este artigo foi identificar como se constrói os discursos acerca da figura masculina, incluindo as questões ideológicas, nos textos da referida autora. E, como objetivos específicos, buscamos identificar que recursos linguísticos foram utilizados pela autora para a caracterização da referida figura. Diante disso, partimos da hipótese de uma figura masculina construída dentro do discurso da autora na condição de algoz e em contraste com a figura feminina, visto que esse movimento dá uma visibilidade maior à mulher em contraste a figura masculina.

Em meio às pesquisas feitas relacionando a internet aos movimentos sociais, encontramos um protesto online feito no ano de 2014 intitulado “*eu não mereço ser estuprada*” que foi feito em resposta a pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no ano de 2014, indicando que 25% das pessoas entrevistadas concordaram, total ou parcialmente, com a ideia de que mulheres que deixam parte do corpo à mostra em suas vestimentas mereçam sofrer algum tipo de violência. Após esse resultado ser veiculado na internet, surgiu como resposta à pesquisa o protesto “*eu não mereço ser estuprada*”, de autoria de Nana Queiroz. Esse protesto que se expandiu na rede social Facebook, mobilizou e trouxe à tona mulheres vítimas de violências físicas e morais, que estavam presas a conceitos arraigados de patriarcalismo. Diante disso, voltamos nosso interesse para a coluna *Dissemina* de Nana Queiroz, pois nela encontramos suporte necessário para analisar a relação sujeito – discurso – ideologia. Deste modo, nossa pesquisa justifica-se na atualidade e pertinência desse tema ao momento em que nos encontramos, direcionando nossa atenção para a figura emblemática da autora Nana Queiroz, representante desse movimento e no modo como seus textos contribuem e recebe contribuição de outros textos que circulam em sociedade, como esses textos estão sendo construídos em uma perspectiva atual e o modo como dialogam com outros textos e os discursos sobre o que significa ser homem ou mulher na sociedade.

Selecionamos como *corpus* desse trabalho textos jornalísticos encontrados no jornal online Metrôpoles, publicados em uma coluna semanal dedicada somente à temática feminista, intitulada *Dissemina*. Esses textos também circulam na página do Metrôpoles na rede social Facebook, que conta com mais de 2 milhões de seguidores, aumentando o poder de circulação e diversificando o acesso aos leitores que têm interesse na temática. Visto que a autora publica semanalmente e para que conseguíssemos reunir uma quantidade de material necessário, definimos um período de coleta dos textos, que compreendeu todas as publicações realizadas entre trinta de julho de dois mil e dezessete à onze de setembro de dois mil e dezessete, após

essa data fizemos uma seleção dos textos coletados priorizando aqueles em que a autora, de forma clara, cita diretamente a palavra “homem” ou utiliza expressões relacionadas à figura masculina repetidas vezes (como, por exemplo, dominadores). Selecionamos para a análise os textos que melhor atendiam ao que foi proposto, nos baseando na nossa pergunta de pesquisa e no que pretendíamos discutir neste artigo.

Dessa maneira, analisamos o *corpus* principalmente no que se refere aos elementos discursivos que o constituem, identificando qual o papel da língua na materialização de discursos que possam ser retomados, implícita ou explicitamente, nesses textos, bem como relacionando essas publicações às noções de sujeito, texto, discurso, interdiscurso, ideologia e condições de produção, que auxiliam no funcionamento e circulação desses discursos no meio social. Assim, adotamos como referencial teórico as contribuições da Análise do discurso de linha francesa, representada por autores como: Brandão (2007), Charaudeau (2006), Foucault (1971), Orlandi (2005, 2007), Pêcheux (1975), Ricoeur (1977), e o sociólogo Althusser (1970).



Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina>. Acesso em: 06/11/2017

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No que se refere às teorias, as mudanças que ocorreram no campo da linguagem no final da década de 60 estavam atreladas à linguística, principalmente quando ela passa de uma linguística de frase para uma linguística do discurso. Nos estudos feitos sobre a língua, deu-se ênfase a teoria saussuriana, visto que a língua era caracterizada como abstrata e coletiva e como quebra desse padrão, os estudos linguísticos enxergaram outros fatores que poderiam ser atribuídos a produção de linguagem, dessa vez pensando no sujeito, elementos sócio históricos e como se dava essa inter-relação, preenchendo desse modo lacunas deixadas por Saussure em seus estudos.

Com o avanço dos estudos sobre a língua, surgiu o russo Mikhail Bakhtin que trouxe a concepção de língua como ocorrência da interação verbal realizada na enunciação, não sendo constituída somente como sistema abstrato, tampouco pelo individualismo subjetivo. Segundo Brandão (2004, p.8) para Bakhtin “[a] matéria linguística é apenas uma parte do enunciado, existe também uma outra parte, não-verbal, que corresponde ao contexto da enunciação. Desse modo, a língua está atrelada ao social, visto que ela auxilia na comunicação entre os falantes por isso, possui como característica o fato de ser dialética e dinâmica.”. Para Bakhtin, a língua é algo concreto e um fator social. Ele contribuiu com a linguística, pois passou a observar não somente a língua, como também a interação dela com o que é social ou seja, situações de interação social em que as pessoas fazem um determinado uso da língua. Dessa forma, fica evidente que a linguística não dará conta de seu objeto se prendendo somente ao que é interno na língua, mas fazendo uma articulação entre o que é linguístico e o que é social.

Para Fiorin (2006,p.18-19) a língua segundo Bakhtin, é vista:

[...] em sua totalidade concreta viva em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estrito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. [...] isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. (p.18-19)

Na Análise do Discurso (doravante AD) a língua é vista como um acontecimento que está no social, atrelada aos sujeitos que a utilizam e refere-se aos aspectos históricos e ideológicos que são repassados por intermédio da sociedade. Em outras palavras, não podemos vê-la como dissociada do sujeito, limitando a língua somente a uma análise interna, mas observar e associar

esse estudo baseados na articulação do que é linguístico e do que é social e histórico. Segundo Orlandi (2007, p.15), “[...] a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma da sociedade”. Para a Análise de Discurso, a língua mantém uma ordem que não é estabelecida, pois depende do sujeito que a utiliza, e este é afetado pela história e pelo inconsciente, resultando em um determinado uso da língua que não permite ter o controle sobre o sujeito e nem sobre o que ele diz.

Dessa forma, o discurso é a peça central desse estudo e, por isso, entendemos que o discurso não é a língua, o texto ou a fala, porém ele necessita de elementos linguísticos para que tenha uma existência. Nos estudos discursivos, não se vê o discurso apenas como mensagem, não se trata apenas da informação, tampouco a linearidade dos elementos de comunicação, dispensando a cristalização do processo de comunicação em que cada falante tem um tempo pré-determinado para fala e decodificação. Todos no processo discursivo realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Portanto, no processo da linguagem, os sujeitos estão sendo afetados pela história e pelo sentido, estabelecendo um processo complexo que não se reduz somente à transmissão de informação. Dessa forma, a linguagem tem um papel importante, pois dentro do processo discursivo, ela auxilia na relação sujeito e sentido que resulta em efeitos múltiplos, e a partir disso, o discurso se estabelece dos efeitos de sentido que são produzidos entre os interlocutores.

O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta, um sistema, onde tudo de mantêm, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2007, p. 22)

Dessa forma, o discurso não termina em si mesmo, tampouco é controlado somente pelo locutor, pois o que se diz relaciona-se com o que não se diz, com o lugar social do qual se diz, com outros discursos e para quem se diz. Ou seja, o discurso é fruto da interação entre os interlocutores. Como propõe Possenti (2004, p. 18) “[é] pela ‘exploração’ de certas características da língua que a discursividade se materializa. ” O discurso em sua completude liga-se a aspectos sociais e ideológicos, e esses aspectos são produzidos através das palavras pronunciadas por determinados sujeitos em variados contextos. Para Foucault (1971), o discurso é construído a partir de uma realidade, porém não é uma cópia exata, ele constrói e

regula por intermédio da produção de categorias de conhecimento conseguindo produzir e reproduzir poder, como também molda e posiciona o sujeito definindo quem ele é, e o que é capaz de fazer.

Nessa perspectiva o discurso no meio social interage com outros discursos e a esse processo deu-se o nome de *interdiscursividade*. A interdiscursividade se apresenta pelos meios como o sujeito é afetado por algo que foi dito antes, em outro momento. Ela se apresenta principalmente pelas formações discursivas e pela memória, pois para o que falamos tenha sentido, é preciso que já signifique. O papel da memória se apresenta na possibilidade diante dos dizeres que afetam o sujeito. Dessa forma, o analista do discurso ao analisar uma formação discursiva observa também as outras formações discursivas que atravessam determinado discurso. Dessa forma entendemos que um discurso nunca é fechado em si, nem possui uma autonomia em relação ao que é dito, mas é fruto de uma interação com outros discursos.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. Isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2007, p. 34)

Diante da possibilidade de o sujeito não ser a origem do dizer, existe um já-dito que permitiu ao discurso o processo de interdiscursividade. Pois o discurso proferido por determinado sujeito em dado momento da história foi dito em outro momento por outro sujeito e conseguiu “conversar” com outro discurso dito anteriormente, e nesta perspectiva observamos o interdiscurso. Nesse momento, ativou-se o recurso da memória, e os sentidos que são atribuídos às palavras em determinados contextos. Diante disso, é através da conversação entre os discursos feministas, por exemplo, que o sujeito autor aqui analisado construiu uma ponte entre o seu discurso e o que ela sabe sobre o movimento, (re) construindo discursos em momentos diferentes. Consequência da interdiscursividade, a formação discursiva (doravante FD) é construída a partir de outras FDs e por regras de formação que determinam o que pertence e não pertence ao discurso. Não vemos a FD como um sistema fechado, mas como um espaço ocupado por outras formações discursivas, constituindo-se de paráfrases devido a reformulação daquilo que já foi dito. E como a interdiscursividade está associada também ao esquecimento no recurso da memória, Pêcheux (1975) afirma que o sujeito passa por dois esquecimentos: o ideológico e o enunciativo.

No esquecimento ideológico, o sujeito tem em seu subconsciente de que é a origem do dizer e por isso aquelas palavras, somente existem e tem sentido daquela maneira. No que diz respeito à autora, ela foi afetada pela história, pois antes dela, existiram outras pessoas que falaram a respeito do feminismo. Ela não originou o discurso, mas através de um esquecimento aquele discurso se materializou em suas palavras. No esquecimento de enunciação, Pêcheux (1975) refere-se à utilização de determinadas palavras ou expressões para designar coisas ou objetos em determinado momento, nos fazendo pensar que só podemos atribuir sentido a determinada coisa ou objeto, utilizando tais palavras. Esse esquecimento é parcial, pois quando pensamos sobre o que foi dito, percebemos que podemos utilizar outras formas para melhor se expressar em relação a determinado objeto. Dessa forma, a interdiscursividade se apresenta nas formações discursivas, que selecionam e limitam o que deve ser dito e não deve ser dito no discurso.

No caso dos textos a serem analisados a seguir, neste artigo, a função de autora que o sujeito ocupou diante esses textos, fez com que o discurso proferido viesse de uma formação discursiva, que deu a esse sujeito uma permissividade para que aquilo pudesse ser dito diante de uma conjuntura sócio histórica. A formação discursiva permite ao sujeito a partir de uma posição social, definir aquilo que pode e deve ser dito, desse modo a FD é construída a partir de outras FDs, pois ela é construída por regras de formação que determinam o que pertence e não pertence de uma formação discursiva. Não vemos a FD como um sistema fechado, mas sim um espaço ocupado por outras formações discursivas, tornando uma formação discursiva constituída de paráfrases devido a reformulação daquilo que já foi dito.

Uma formação discursiva não ocupa, assim, todo o volume possível que lhe abrem por direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; ela é essencialmente lacunar, em virtude do sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí o fato de que, uma vez retomada, situada e interpretada em uma nova constelação, uma dada formação discursiva pode fazer aparecerem possibilidades novas.” (FOUCAULT, 1969. p.74)

A partir do exposto por Foucault, conseguimos perceber que a FD não é constituída somente de um discurso, mas sim (re)construções que o sujeito faz a partir de outras FDs com o intuito de delimitar o que diz, preservando a sua identidade. Nessa perspectiva, o sujeito discursivo ao qual nos detemos, Nana Queiroz, adere a um movimento que está escrito na história, e a partir dele a autora reflete discursos que a situam em relação ao seu posicionamento ideológico e não podemos tratar esse sujeito como individualizado, pois suas práticas sociais coletivas refletem inteiramente em seu discurso tornando esse sujeito

heterogêneo também no que se refere à sua formação discursiva. Sabemos que as teorias discursivas partem de uma interdisciplinaridade, levando em conta a heterogeneidade do sujeito discursivo, isso posto, partimos de um conceito de formação discursiva que permite o sujeito retomar através de outras formações discursivas um determinado discurso que é materializado em texto, e a partir do seu discurso, emanam outras vozes.

Nesta perspectiva, o sujeito para a AD não se configura como homogêneo, mas sim, um sujeito que está envolvido na sociedade e participa ativamente de práticas sociais que o moldam e permitem sua adequação a determinados eventos discursivos. Para a AD o sujeito é afetado pela história, atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Desse modo ele não é a origem do dizer e fica dividido entre o consciente e inconsciente. Ele constrói sua identidade a partir da interação com o outro. A sociedade influencia no discurso que é proferido por ela em seus textos, assim como também o processo de interdiscursividade e a ativação da memória social, influenciam nesse sujeito discursivo. Desse modo, sabemos que o sentido não termina somente em si, mas está associado ao processo sócio histórico, os posicionamentos ideológicos em que as palavras são produzidas no texto. Essas palavras tomam seu sentido através do sujeito que as utiliza e por intermédio dos textos o sujeito se subjetiva de maneiras diferentes. Nesse momento, podemos ver a relação da FD com a ideologia que perpassa esse discurso, como cita Brandão (2007, p.47): “[...] a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.” Essa ideologia transparece através do sentido que foi dado às palavras no corpus deste trabalho e foi adquirido através da formação discursiva da autora quem questão. Nesse sentido, Orlandi (2007) evidencia que os estudos discursivos visam à ideologia como essencial para o discurso, pois sem ela as palavras seriam apenas uma forma material dada e acabada, e a partir da ideologia e do sujeito essa palavra é esquecida como propõe Pêcheux (1975) ressurge e toma forma com outro sentido em um dado momento, gerando o interdiscurso.

Althusser (1970) em *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*, diz que para manter a dominação a classe dominante produz mecanismos de difusão e reprodução das condições ideológicas, materiais e políticas de exploração. Para o autor, os aparelhos ideológicos de estado (AIE) representados pelos órgãos religiosos, educacionais, jurídicos e de informação. A diferença entre esses dois momentos se deu principalmente pelo funcionamento dos dois, um pela violência e outro pela ideologia, porém ambos têm o mesmo poder sobre os sujeitos. A ideologia tem um papel principal, pois nela criam-se “condições necessárias para a reprodução das relações de produção” (Brandão, 2007, p.23). A ideologia não pode ser dissociada do sujeito,

sendo assim, percebemos que o sujeito Nana Queiroz em sua coluna que é um aparelho ideológico de estado, se utiliza de um lugar de poder em relação a outros sujeitos para repassar uma realidade acreditada por ela, estreitando assim a relação sujeito e ideologia. Como cita Althusser “[a] ideologia é a maneira pela qual os homens vivem em sua relação com as condições reais de existência, e essa relação é necessariamente imaginária.” (1970, p.39). A partir do momento que o sujeito utiliza a ideologia, conseguimos perceber que ela ganha materialidade através dos aparelhos ideológicos utilizados, e neles estão presentes suas práticas. Portanto, entendemos que a ideologia é material e está diretamente ligada aos indivíduos na sua caracterização como sujeito. Na utilização da ideologia como forma de dominação e é inerente aos indivíduos que partilham das mesmas ideias, por isso pode ser considerada como uma mediadora entre esses indivíduos. Para Ricoeur (1977,p.68)

A ideologia é função da distância que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir. Seu papel não é somente o de difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, para convertê-la num credo de todo o grupo, mas também o de perpetuar a energia inicial para além do período de efervescência.

Dessa forma, conseguimos entender que através da interpretação o sujeito se constitui, assim como a ideologia. O mesmo acontece com Nana Queiroz, ela, através da linguagem, partilha uma ideologia e consegue se conectar aos interlocutores pois ambos partilham uma mesma ideia. “ A ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, de um efeito imaginário de um sobre o outro. ” (ORLANDI, 2007,p47). Desse modo, entendemos que o papel da linguagem enquanto espaço para o discurso não serve somente como comunicação, mas como interação e não deve ser vista como algo neutro, mas como um lugar de manifestação da ideologia. Por isso, seu estudo não deve ser dissociado da sociedade, pois ela é palco de conflitos ideológicos

Para que possamos entender as condições de produção de determinados discursos, levamos em consideração o sujeito e suas práticas, pois o contexto, o momento histórico e ideológico em que esse sujeito se encontra implica na condição de produção desse discurso. Dessa maneira, refletindo sobre o *corpus* selecionado, é importante retomar ao contexto de produção, problematizando o processo de construção dos discursos em volta da figura masculina nos textos de Nana Queiroz, uma vez que ela se utiliza de uma visibilidade social, tanto dela quanto do tema, para reverberar o discurso feminista em seus textos. Com isso, as

condições de produção, segundo Orlandi (2007), incluem tanto o sujeito quanto a situação, e através da memória conseguimos acionar os fatos que estão ligados a esses processos.

As condições de produção estão ligadas diretamente ao contexto sócio histórico em que se encontra esse sujeito e entendemos que houve por parte dele em sua condição histórica um apoio ao movimento feminista, que divide opiniões por ser um movimento que vai contra ao que foi proposto por muito tempo, o patriarcalismo e também, por dar voz às mulheres que tiveram seus direitos negados. Dentro desse processo existe um já dito, que sustenta toda a possibilidade do dizer, por isso a importância da relação sujeito – ideologia, que permite ao discurso o seu pleno funcionamento. Para Charaudeau (2006), devemos analisar essa instância pensando em três possíveis fatores: o lugar das condições de produção, o lugar das condições de recepção e o lugar das restrições de construção do produto. No que se refere às condições de produção, Charaudeau (2006) afirma que há um processo de seleção do que é dito, por parte do jornalista. Até mesmo porque, considerando as condições dadas no meio em que será veiculado e suas regras impostas, cabe ao jornalista planejar seu discurso adequando-o ao que é exigido pela máquina de mídia. Nesse caso, sabemos que o que é escrito tem uma certa ponderação por parte da autora, pois a máquina de mídia impõe essa regulação do que pode ser dito e do que é “vendável.”

Os fatores externos influenciam de certa maneira na articulação desse discurso; nos textos da autora que estamos pesquisando, por exemplo, conseguimos perceber uma associação da sua coluna a um discurso em constante debate na sociedade, refletindo na existência de leitores que se interessam por esse assunto, como também aqueles que leem somente por curiosidade. Para isso, não devemos observar o público/interlocutor somente como leitores, mas também como consumidores, pois ao escrever a autora tenta ser atraente aos olhos daqueles que estão lendo, pois, o veículo comunicativo se trata de um jornal online. Nesse momento, entram as condições semiológicas da produção que estão ligadas diretamente ao jornalista produtor de conteúdo, pois ele atende o que foi exigido pelos meios técnicos baseando seu discurso em seu possível leitor, desse modo o que foi produzido em conteúdo teve relação direta com quem apreciou tal discurso e por isso, não podemos esperar por um leitor ideal e receptivo, o que faz com que esse discurso tenha possibilidades, ou como citado por Charaudeau (2006 p. 35) “efeitos de sentido visados, pois a instância não tem uma garantia de que os efeitos pretendidos corresponderão àqueles realmente produzidos no receptor.”

No que diz respeito às condições de recepção, existem para o autor dois espaços: o externo-interno e o externo-externo. No que se refere ao primeiro ponto encontramos o destinatário e o leitor ideal para qual a máquina midiática e o jornalista escrevem, avaliando a

possibilidade que está associada ao interlocutor, definindo assim, os efeitos que são esperados de tal leitor. O segundo espaço diz respeito ao receptor real, os que interpretam os textos segundo as suas próprias condições de interpretação. Levamos em consideração essas possibilidades, ao pensarmos que a autora Nana Queiroz, nas condições de produção dos seus artigos, foi afetada pelos diversos fatores expostos acima. O lugar das restrições de construção do produto, é onde todo discurso se materializa em texto, e esse discurso encontra-se aliado a formas do sistema verbal e a outros sistemas semiológicos (icônico, gráfico, gestual). “[...] O sentido depende, pois da estruturação particular dessas formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa: o sentido é o resultado de uma *cointencionalidade*”. (CHARAUDEAU, 2006 p.27).

Para a produção de sentido nos textos, a autora cujos textos observamos trabalha com as possíveis interpretações que são associadas aos textos, mesmo que ainda ela imagine o possível leitor ideal que estaria adequado às intenções dela, não se tem certeza absoluta de como os efeitos de sentido serão percebidos pelo interlocutor. Por outro lado, como propõe Charaudeau (2006), a instância de recepção é responsável pelos efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação. O possível interlocutor absorverá o texto de acordo com sua perspectiva de interpretação, identificando assim os possíveis efeitos de sentidos que são produzidos pela instância discursiva, tanto como pelo receptor.

Analisar o produto acabado depende de uma problemática semiodiscursiva que pressupõe o estudo do discurso midiático sob um enfoque em que serão examinados os sentidos, provenientes da estruturação do texto e os discursos de representação, tanto aqueles que circulam no lugar de produção quanto os que caracterizam o lugar das condições de recepção. Esses dois tipos de discursos de representação constituem os imaginários sociodiscursivos que alimentam e tornam possível o funcionamento da máquina midiática. (CHARAUDEAU, 2006 p.28)

Como propõe o autor, entendemos que os lugares de construção de sentido estão dispersos nessas três etapas, e que estas, associadas, constroem sentidos que não estão associados somente ao produtor, a autora Nana Queiroz. Existe nessa condição de produção, um interlocutor, um sujeito autor, os efeitos de sentido dos textos produzidos e controlado pela máquina de mídia, nesse caso o jornal contendo os efeitos visados, efeitos possíveis e os efeitos produzidos. Diante disso, os textos produzidos materializam discursos, contendo interpretações variadas de acordo com as condições de produção desses autores e receptores do discurso. Portanto coube ao sujeito que escreveu pensar nas possibilidades desse discurso, regular o discurso a partir do que pede o gênero, pensar nos possíveis leitores que vão em busca desse tipo de conteúdo o tornando dentro desse processo um elemento importante a ser analisado.

Para que haja essa análise e principalmente a produção de sentidos, deve-se levar em conta a ação dos sujeitos discursivos e entender que essas palavras não são estáveis quanto a sua interpretação, pelo fato de que a mesma palavra imersa em situações diferentes carregará sentidos diferentes. Como explica Orlandi (2007), para a AD a língua não pode ser vista como condicionada ou totalmente liberta, ela está associada a possibilidades no discurso. Para isso, o estudo do discurso está na língua materializada em forma de texto, podendo ser este verbal ou não verbal. O texto configura-se como tal, pois apresenta como principal característica a textualidade que é a relação do texto com ele mesmo e com o exterior.

Para Orlandi (2007, p. 135) “[q]uando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.” Ainda sobre isso, a autora diz que para AD o texto é um objeto linguístico histórico e em sua forma empírica tem um começo, meio e fim. Pensando no texto como objeto teórico, não se configura como uma unidade completa, mas sim lacunar, preenchida no espaço discursivo pelo interlocutor. No que diz respeito ao texto como objeto de análise, não devemos nos deter somente ao que é linguístico e nem a sua organização. Devemos observar o que aquele texto nos diz através de sua discursividade, a organização da materialidade, procurando compreender como a matéria textual produz sentidos.

A AD está assim interessada no texto não como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. [...] O texto, dissemos inúmeras vezes, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante. E não é das questões menos interessantes a de procurar saber como se põe um discurso em texto. (ORLANDI, 1994 p.116-117)

Diante do que foi apresentado, para estudar o discurso precisamos observar não somente o que é linguístico, mas também o que é social. E na perspectiva de um texto como objeto de análise da AD, devemos nos deter à interpretação e observá-lo como um elemento da linguagem. Dito isto, não fala sobre o texto em si, mas sobre o discurso que o texto carrega. Dizemos que o processo sócio histórico é uma dimensão constitutiva do discurso e não existem enunciados livres, mas sim dizeres controlados, selecionados e organizados por vários procedimentos de controle social. No que diz respeito à interpretação, conseguimos entender que a ideologia está presente na linguagem e parte de uma noção de subjetividade descentrada, pois o sujeito ao utilizá-la não tem um controle de tudo aquilo que foi dito. Entendemos também que as palavras variam seu sentido dependendo do sujeito que as utiliza e o momento em que foram faladas. Com isso, a interpretação liga-se diretamente ao sujeito e através dela

conseguimos identificar a relação dele com sua memória. Dessa forma, considerando todos os elementos acima, passamos a análise do nosso *corpus*, que constitui a próxima seção deste trabalho.

ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos, a seguir, os dados colhidos nessa seção, 8 (oito) trechos dos textos para análise do discurso da autora Nana Queiroz bem como a caracterização da figura masculina. Buscamos analisar como a autora organiza seu discurso em torno da figura masculina, assim como observar quais os recursos linguísticos mais utilizados nessa construção discursiva. Para isso, selecionamos 8 (oito) textos diferentes, que evidenciam primordialmente a figura masculina a partir de um contraste em relação à figura feminina. A partir de uma leitura analítica identificamos que há uma divisão dentro dos textos de Nana Queiroz, quais sejam: vítima e algoz e intersecção. Portanto, buscamos com nossa análise empreender como é construída e representada a figura masculina em seu discurso.

FD1 – O HOMEM COMO VÍTIMA	FD2 – HOMEM COMO ALGOZ	INTERSECÇÃO
Por que tem tanta gente com medo do feminismo?	Quer mudar o mundo, rapaz? Comece pela louça	Se todos acham errado encoxar, por que milhões são vítimas do crime?
Precisamos de um feminismo que inclua os homens	Me dá licença para ser feia, faz favor?	Não vamos mudar um marido por vez, mas uma deputada por vez
	Enquanto não aprendermos a ouvir melhor, não vamos mudar o mundo	

	5 mandamentos para a sociedade (ajudar criar bons pais)	
--	--	--

O primeiro texto que analisamos intitula-se: *Por que tem tanta gente com medo do feminismo?* (Anexo A), foi publicado em 29 de maio de 2017. O texto de maneira geral, desmistifica os estereótipos em volta do movimento feminista a partir de realidades que são vivenciadas por homens e mulheres, e discute como o feminismo pode auxiliar na diminuição desses “problemas”.

TEXTO I

[...] Nos homens mesmo e sabe por quê? Porque esse padrão de masculinidade defendido pelo machismo é um negócio pra lá de sufocante e frágil. Homem não pode broxar, não pode chorar, não pode fazer exame de próstata porque é machão, não pode falar que tem depressão. E, do lado de cá, a gente não pode gostar de sexo, não pode mandar, não pode detestar criança, não pode usar roupa curta, não pode andar sozinha à noite. Um monte de cagação de regra que não permite que as pessoas sejam, simplesmente, quem são. Tudo que as feministas querem é o fim dos privilégios. E vejam bem que não estou falando de benefício, mas de privilégio, o que é muito diferente. Lugar pro velhinho sentar no metrô, por exemplo, é benefício, assim como licença maternidade. Isso vem do reconhecimento do Estado de que essas pessoas têm necessidades particulares. Agora, homens serem mais bem remunerados que mulheres é privilégio porque ocorre em detrimento de outra pessoa. A ideia de privilégio inclui a ideia de alguém que se sai mal na jogada.”

Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/por-que-tem-tanta-gente-com-medo-do-feminismo>

No texto acima, a autora Nana Queiroz constrói seu discurso em volta da figura masculina, citando como exemplo o termo padrão de masculinidade, e esse discurso conversa com outros discursos que circulam em sociedade, pois o padrão de masculinidade vem do discurso machista segundo a visão da autora, portanto existe alguém sujeito a determinados comportamentos estereotipados. Dessa forma, a autora reconhece um padrão no discurso sobre a masculinidade, ao qual os homens acabam se inserindo no discurso ao conviverem em sociedade. Ela constrói esse discurso, baseando-se principalmente nas regras que são atribuídas a essa figura masculina, através de enunciados que se ligam ao padrão de masculinidade, tais como: “não pode broxar, não pode chorar, não pode fazer exame de próstata porque é machão, não pode falar que tem depressão.” Em seu discurso, evidencia que o padrão de masculinidade faz com que essa figura masculina seja privada de algumas atividades, e isso fica claro a partir

do advérbio de negação “não”, que é repetido diversas vezes para reforçar e evidenciar esse discurso.

Posteriormente, outra palavra que pode estar relacionada à ideologia machista, o “machão” pois toda palavra, em princípio está relacionada a uma ideologia. E essa palavra cumpre a função de estereotipar mais uma vez essa figura masculina. Posteriormente ela utiliza da expressão “do lado de cá” demarcando a divisão entre homens e mulheres, para isso ela utiliza outras atividades como argumento comparativo entre os dois: “a gente não pode gostar de sexo, não pode mandar, não pode detestar criança, não pode usar roupa curta, não pode andar sozinha à noite.” Nesse princípio, ela deixa implícito atividades que em sociedade são permitidas aos homens, e que são vistas como erradas se feita por mulheres. Nesse momento conseguimos perceber no argumento da autora, como o machismo segundo ela, afeta tanto homens quanto mulheres e para isso, ela trouxe no enunciado “o fim dos privilégios” que são atribuídos na sociedade principalmente a figura masculina, prova disso que na continuidade desse discurso ela argumenta com relação aos privilégios que os homens possuem em relação a emprego e salário, somente por serem homens. E para argumentar a autora se utiliza da expressão “alguém se sai mal na jogada” esse alguém implicitamente direciona-se a mulher, que somente por ser mulher não consegue ter os mesmos direitos que o homem.

Percebemos, a partir disso, que os sentidos constituídos por meio dos termos utilizados no discurso da autora para designar a figura masculina oscilam entre vítima e algoz. Primeiro, por que em seu discurso ela utiliza do sentido da palavra *machão* para justificar a privação que a figura masculina se submete, como justificativa ela ancora seus argumentos em volta dos estereótipos do termo machismo, impondo regras que privam os homens de certas atitudes. Logo em seguida, deixa implícito que o homem em sua maioria se aproveita dos benefícios que esse machismo proporciona, a partir do não dito conseguimos inferir que o homem não sofre tanto assim em relação ao machismo, segundo as palavras da autora. Para validar esses processos, o recurso mais utilizado foi o da *comparação*, que trouxe no discurso da autora a desigualdade em relação aos dois gêneros e ao mesmo tempo esclareceu o posicionamento da mesma em relação ao masculino. Temos diante disso, uma classificação através da construção discursiva da autora, a de figura masculina como agente principal para as desigualdades existentes entre os sexos.

No texto I, a autora faz uma dura crítica ao machismo, mas ao mesmo tempo percebe-se que ela associa o homem a essa ideologia machista, configurando o homem dessa forma, como algoz em detrimento do papel de vítima da mulher, esse discurso se reforça também no texto II, *Precisamos de um feminismo que inclua os homens* (Anexo B) publicado em 14 de agosto de

2017, a autora explicita através dos enunciados do seu discurso como conseguiu se ligar ao movimento feminista. E cita como um de seus exemplos a educadora e feminista negra Bell Hooks.

TEXTO II

Não estou falando apenas da proibição de chorar, ser sensível — que os levam a doenças psicológicas e ao suicídio como qualquer ser humano que nega uma parte essencial de si — mas de “regras da macheza” que são morte pura. Como o receio de fazer exame de próstata, que mata um homem a cada 40 minutos. Ou a ideia de que esfaquear alguém num bar (ou ser esfaqueado por) te faz “mais homem”. Mas a verdade mesmo é que defendo um feminismo que inclua os homens porque amo um pouquinho mais as mulheres. E acredito que elas merecem mais do que uma teoria da exclusão — que foi exatamente o que os homens fizeram por dois milênios. E acho que elas merecem uma pedagogia da libertação, como a de Bell Hooks e de Paulo Freire, e não uma ditadura dos silêncios de quem tem este ou aquele órgão no meio das pernas. “O que os homens fizeram e fazem define quem eles são; o que nós faremos com nosso movimento, definirá quem nós somos.” Eu desejo e sonho com um feminismo que inclua os homens e que eles saibam ser incluídos sem reproduzir suas estruturas de dominação, que saibam ouvir e ser comandados por mulheres quando cabe à circunstância. Mas que também tenham voz e que sua voz seja de quem está cansado de “ser café com leite”, de quem não precisa de regrinhas especiais para se dar bem no jogo da vida. **Disponível em:** <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/precisamos-de-um-feminismo-que-inclua-os-homens>

Para explicar a importância do homem no discurso feminista, Nana mais uma vez utiliza da expressão “regras de macheza” a autora deu uma continuidade ao texto analisado anteriormente, e conseguimos identificar o seu posicionamento em relação a esse padrão, que nada mais é do que intimidador mediante a sociedade. O homem acaba por ser automaticamente incluído nesse padrão, pois ela reconhece que o sujeito é incluído no discurso generalizado de que o homem, para ser homem, não pode ter ações que coloquem esse padrão em risco como por exemplo, chorar. Ainda acrescenta que o fato desse discurso ser tão enraizado na sociedade, faz com que os homens se omitam para a prevenção do câncer e se imponha violentamente diante situações.

Dessa forma, observamos que tais enunciados produzem efeitos de sentido parecidos a fim de justificar tais atitudes que são corriqueiras devido aos estereótipos sociais. E isso é perceptível pelos recursos linguísticos que a autora utiliza, como o termo “macheza” que nesse contexto, se refere as atitudes atribuídas ao homem, e esse termo adquiriu especificamente nesse discurso, um sentido pejorativo. A autora utiliza o termo para exemplificar como o machismo prejudica essa figura masculina, por isso ela utiliza argumentos que são extraídos na realidade. Posteriormente como outro recurso linguístico, ela fez uma avaliação negativa em

relação a “teoria da exclusão” e pensando nesse termo, conseguimos entender que a autora fala da forma como as mulheres sempre estiveram à margem em detrimento o protagonismo do homem. Dessa forma, esse termo novamente ganha um sentido pejorativo, em que as mulheres fazem parte de uma exclusão social em meio a sociedade machista. O que ela evidencia é que a teoria da exclusão se liga a outros discursos presentes na sociedade de que a mulher, por muito tempo privou-se de muitas coisas por não ter direitos concebidos pela sociedade. Para isso, ela trouxe ao seu discurso o termo popular utilizado para justificar a soberania do homem: “esse ou outro órgão no meio das pernas” referindo-se a um discurso social estereotipado, em torno da virilidade masculina implicando dizer, que o homem tem uma superioridade em relação à mulher. A autora, deu ênfase ao enunciado “ o que os homens fazem define quem eles são; o que nós faremos com nosso movimento, definirá quem nós somos” esse discurso deu a entender que esse homem em sua completude mesmo que seja objeto de reprodução de uma determinada ideologia, tornou-se alvo dessa cultura machista bem como se aproveita dessa condição para reproduzir estereótipos em que a mulher é vista com preconceito e exclusão.

Ela também utiliza em um dos enunciados a metáfora “ Café com Leite” referindo-se à omissão do homem em relação os privilégios concedidos pela sua posição na sociedade. Dessa forma, percebemos que esse texto conversa diretamente com o texto analisado anteriormente, principalmente pela repetição das ideias que estiveram no outro texto quando se trata de figura masculina. Outro método novamente utilizado é o recurso da *comparação*. A partir disto, conseguimos inferir que o homem é caracterizado como algoz mais uma vez por Nana, mesmo que através de seu discurso ela consiga trazer os problemas do machismo, mas através de sua construção discursiva acaba por deixar claro que a figura masculina se aproveita de tal condição, como também de estereótipos para subordinar a figura feminina.

No texto III, que tem como título *quer mudar o mundo, rapaz? Comece pela louça!* (Anexo C), publicado no dia 12 de junho de 2017. A autora traz as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na divisão das tarefas domésticas, e como esse problema dificulta o convívio nos relacionamentos.

TEXTO III

As mulheres provavelmente são um dos últimos grupos a se libertar porque elas, afinal, dividem a casa com seus dominadores. Pois é: não é fácil enxergar o homem que você ama como opressor. Não é fácil perceber que seu pai, irmãos, marido, companheiro ou namorado se aproveitam do fato de que você é mulher para descansar 7 horas a mais por semana enquanto você trabalha — sim, este dado é do IBGE. Mas, acima de tudo, é supercomplicado transformar

a casa da gente em campo de batalha. Vou jogar a real: a não divisão das tarefas domésticas é a causa número 1 de separação entre todas as minhas amigas divorciadas. A gente casa, afinal, para ter um companheiro para vida e não um senhor de escravos, não é? E o mais revoltante é que este é um tema que já está tão naturalizado dentro da gente que nossos companheiros não aceitam que a gente meta isso na caixola deles. “De jeito nenhum! Eu?! Machista?! Mas eu sou um marido tão legal!” A verdade é que a maioria dos caras faz mesmo sem perceber. Eles até se convencem de que a gente gosta pra caramba de lavar a louça, esfregar privada e pendurar cuecas no varal. Não, amigo, a gente não gosta mais disso do que você. E não tem nada no corpo feminino, ou no que vocês gostam de nomear “instinto” feminino, que nos faça fazer isso melhor que vocês. **Disponível em:** <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/quer-mudar-o-mundo-rapaz-comece-pela-louca>

Iniciamos essa análise dando um destaque ao enunciado em que a autora fala que as mulheres se “libertam” no sentido de que a figura feminina está presa a algo ou alguém, posteriormente ela associa a falta de liberdade da mulher ao fato delas dividirem a casa com os *seus dominadores*, o termo que ela utiliza para designar a figura masculina presente na vida dessa mulher. A partir disso, observamos uma generalização por parte da autora quando se refere a figura masculina ainda pensando nos conceitos e estereótipos da sociedade, bem como as regras de macheza citadas anteriormente por ela, o sentido pejorativo associado a esse termo dominador, coloca o homem na posição de algoz. Outro termo utilizado é adjetivo *opressor*, que está ligado diretamente a palavra homem. Mais um recurso de reforço desse homem como algoz, como forma de reforço e continuidade ao discurso, ela utiliza como exemplo a relação parental como forma de enfatizar o discurso dela, ao afirmar que essa figura masculina “se aproveita” de uma condição de tal situação para conseguir privilégios, dessa forma observamos mais uma vez a ponte com o discurso do texto I.

Posteriormente ela identifica na mulher uma dificuldade em enxergar esse homem como culpado, pelo fato dos laços amorosos que são construídos ao longo do tempo causarem a “naturalidade” dessa divisão de tarefas sem questionamento. Para ela é delicado a mulher transformar a casa em um campo de batalhas, no sentido do questionamento que fosse feito pela divisão que inconscientemente já é feita em que a mulher cuida do lar, causasse uma grande confusão. Esse enunciado se confirma, quando o adjetivo “naturalizado”, aparece como também as expressões “De jeito nenhum! Eu?! Machista?! Mas eu sou um marido tão legal!”. Através dessas expressões, a autora atribuiu à figura masculina essa postura de se valer de um discurso que circula socialmente, para persuadir e se esquivar de uma possível culpa, e isso é perceptível pelo uso da conjunção adversativa, “mas” seguida do adjetivo “legal”. Outro argumento utilizado por ela é o fato do discurso ser tão repetido que *os caras*, fazem mesmo

sem perceber, tornando algo natural e enraizado nos discursos que circulam socialmente que reflete no cotidiano, e segundo ela fazendo com que o homem passe a acreditar que as mulheres gostam de lavar, passar e se dedicar exclusivamente ao lar. Nesse momento observamos a crítica da autora em relação a divisão pré-estabelecida que foi citada anteriormente por ela, então ela recupera o discurso com o objetivo de enfatizar a disparidade entre os dois gêneros.

A partir desse momento, o discurso da autora oscila entre indignação e ironia, e essa ironia aparece pelo uso do adjetivo *amigo*, que marca visivelmente a figura masculina, que é a quem ela se refere como forma de ironia e indignação. E a indignação dela fica com o que é reproduzido na sociedade e para exemplificar, ela se utiliza de um estereótipo que circula na sociedade relacionado a “instintos” que é um discurso bastante difundido quando se trata de figura masculina, ocasionando uma possível desculpa para determinadas ações, nesse caso, observamos que a autora utiliza o efeito reverso desse discurso, a mulher não teria o instinto para os serviços domésticos. Diante disso, ela justifica que o “instinto” outro discurso que circula socialmente para justificar atitudes do homem, não cabe nessa situação.

Dessa forma, conseguimos observar mais uma vez que a autora constrói a figura masculina como culpado por determinada situação, mesmo que ele seja incluído em um padrão de generalização de homem no discurso machista, ele acaba por se aproveitar dessa condição, para reproduzir determinados estereótipos em situações cotidianas. Outro ponto interessante, são os recursos de repetição e comparação utilizados nesses textos para reforçar aquilo que é dito por ela, dessa forma conseguimos compreender que o discurso dela tem recursos que se repetem por diversas vezes: independente da temática associada ela utiliza enunciados que se repetem para representar o homem. Para que a autora consiga promover essa distinção de vítima e algoz entre o homem e mulher em seus textos, notamos que sua construção discursiva se utiliza de um recurso linguísticos muito importante, o da comparação.

No texto publicado em 05 de junho de 2017 intitulado: *me dá licença para ser feia, faz favor?* (Anexo D), com a temática voltada para a mulher e os estereótipos relacionados a beleza, nesse texto (citado abaixo como Texto IV) ela utiliza o homem como um meio para comparar as atividades sociais entre ambos, como podemos observar no Texto I, ela utiliza o mesmo recurso novamente para caracterização do homem.

Texto IV

Vamos fazer um exercício. Vem comigo você que gosta de meninos. Passe na mente a lista dos carinhos por quem você já se interessou. Não sei vocês, mas eu já até cheguei a dizer pras minhas amigas que “ele tinha um jeito charmoso de ser feio”. Homem pode ser engraçado, brilhante, intelectual, charmoso,

amoroso, íntegro, honesto, bem-sucedido. Mulher pode ser tudo isso aí, mas se for feia, está desclassificada. Até no emprego, tem que ser bonita. Já trabalhei em lugares em que as funcionárias do comercial eram cobradas de terem as unhas feitas e usar salto.”” E isso vem num contexto histórico em que as demandas sobre as mulheres só se multiplicam. Quando decidiram sair de casa pra trabalhar, as mulheres tiveram que lidar com a dupla jornada de tarefas do lar mais o emprego fora. Mas quando os eletrodomésticos começaram a facilitar nossas vidas, o machismo teve uma outra ideia pra breçar esse avanço. Criou a “terceira jornada”, que seria a beleza.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/dissemina/podem-me-dar-licenca-para-ser-feia-faz-favor>

Ao analisar o trecho, conseguimos identificar primeiro que a autora fala diretamente para seu interlocutor. Nesse caso, a autora consegue delimitar bastante seu público ao utilizar a expressão “vem comigo você que gosta de meninos”. Ela traz uma experiência vivida pela mesma, configurando em seu discurso o uso de práticas sociais, que refletem diretamente nesse discurso. A partir desse momento, como explicação para essa prática a autora se vale do recurso de *comparação* para exemplificar como a figura masculina em determinada situação consegue ter vantagens em relação à mulher. A autora passa a discutir sobre as desvantagens que a mulher tem em relação ao homem; para comparação, ela utiliza-se do verbo “poder” seguido de adjetivos que enaltecem a figura masculina incluindo o adjetivo *feito*. A partir daí conseguimos observar que novamente, como nos outros textos, ela utiliza de um método comparativo para demonstrar a vantagem que o homem tem em relação à mulher. Isso se percebe a partir da conjunção adversativa utilizada na frase de efeito “mulher pode tudo isso, mas” indicando que há uma limitação nesse “poder”.

Como forma de reforçar esse discurso, lista um número de ações que são exigidas a mulher, nesse momento mais uma vez ela utiliza de experiências sociais vividas por ela como forma de argumentar, mais uma vez a distinção que existe entre homens e mulheres. Os pesos da cobrança que são feitos a ambos na visão da autora, são menores quando se trata da figura masculina. E isso ela transparece com o enunciado, “Mas quando os eletrodomésticos começaram a facilitar nossas vidas, o machismo teve uma outra ideia pra breçar esse avanço. Criou a “terceira jornada”, que seria a beleza. ” Nesse momento conseguimos observar, a conjunção, “mas” que deu ao discurso da autora uma limitação quando se refere a mulher, e dá uma continuidade aquilo que foi citado anteriormente por ela, com uma ideia de reforço ao que foi dito. A autora consegue elencar os avanços que as mulheres conseguiram alcançar e cita novamente o machismo e o coloca como responsável pela quebra desse avanço, pois criou uma “terceira jornada” que seria para a mulher, a cobrança pela beleza um item que não é referido

especificamente ao homem. Portanto, nesse momento conseguimos observar em todos os textos até aqui, a repetição principalmente da palavra machismo assim como as suas consequências. O reforço que a autora fez aqui, serve para distinguir as liberdades que são apresentadas aos homens e restritas às mulheres. Observamos o recurso linguístico da *comparação* mais uma vez como primordial para a construção discursiva e argumentativa, pois ela se utiliza desse recurso para reforçar e esclarecer seu posicionamento.

O texto V intitula-se: “ *não vamos mudar um marido por vez, mas uma deputada por vez*” (Anexo E) publicado no dia 28 de agosto de 2017 nesse texto a autora traz o discurso de que a mulher não tem a representação necessária por parte do governo e cita problemas que essa mulher enfrenta cotidianamente.

TEXTO V

Mas as mulheres que lutam contra o machismo enfrentam uma particularidade complicadora: como combater o opressor que mora dentro de casa e, em alguns casos, que se ama? E, mesmo nos casos em que o cara ao seu lado é superlegal, a injustiça está sempre lá, gritando na nossa cara. No meu caso, por exemplo. Sou casada com um homem justo, que partilha as tarefas da casa, valoriza minha independência, nunca se atreveu a ditar regras sobre as roupas que uso ou fazer ceninhas de ciúme como se eu fosse propriedade dele. Mulher de sorte, eu sou – ele também, claro, mas falamos disso mais tarde. Contudo, veja só: nós dois nos formamos no mesmo curso, na mesma universidade. Trabalhamos em veículos de prestígio, publicamos bons livros que foram elogiados. Eu tenho, ainda, uma pós-graduação e alguns cursos extracurriculares no exterior a mais que ele no currículo. E, mesmo assim, nós dois nunca ganhamos sequer o mesmo salário. Ilustramos perfeitamente aquela estatística do IBGE que diz que mulheres recebem, em média, 30% a menos que os homens para desempenhar as mesmas funções.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/nao-vamos-mudar-o-mundo-um-marido-por-vez-mas-uma-deputada-por-vez>

Ao analisarmos o texto V conseguimos perceber novamente a repetição da palavra “ machismo”, que conversa com os outros textos que circulam socialmente. Especificamente nos textos de Nana Queiroz, a palavra vem associada a atitudes da figura masculina. Em tom de indignação e isso nota-se pelo enunciado “ a injustiça está lá, sempre gritando na nossa cara” a autora mostra uma avaliação negativa em relação a essa disparidade entre homens e mulheres. Note-se também que a o enunciado “como combater o opressor que mora dentro de casa e, em alguns casos, que se ama?” faz uma retomada do discurso visto no Texto III, em que ela utiliza mais uma vez dessa argumentação com o intuito de reforçar o discurso, dando uma ideia de continuidade daquilo que é falado por ela. Para tanto, com o intuito de exemplificar utilizando mais uma vez o recurso linguístico de comparação a autora, designa por intermédio do adjetivo,

essa figura masculina como *superlegal* e prossegue o enunciado, com o substantivo “injustiça” que é referido pela subordinação que a mulher tem em relação ao homem. Para exemplificar, ela mais uma vez conta com a experiência que passa por ser mulher e traz para seu discurso uma experiência social dela para valorizar esse discurso. Notamos mais uma vez essa experiência em que a autora se coloca como peça central do discurso, para reforçar o argumento, da mesma forma que acontece no Texto IV. Contudo, prossegue com o recurso comparativo em que a disparidade existe independente das qualidades que esse homem possui. Ela cita o marido como exemplo de homem, e segue com o enunciado distanciando o marido daquele discurso dito por ela, do conceito de figura masculina criada ao longo de seus textos.

Um ponto interessante em meio a esse discurso é a apresentação do marido da autora como figura masculina, a partir desse momento percebemos a não generalização daquilo que ela fez em quase todos os textos, especificamente. Ela argumenta mais uma vez, com experiência vivida por ela para dar uma concisão a esse discurso, daí então percebemos uma exaltação das qualidades de seu companheiro e posteriormente o enunciado “que mulher de sorte eu sou” indiretamente conseguimos inferir que a figura masculina por se tratar de seu marido ocasionou uma ponderação no discurso da autora, no que se refere à generalização. Nesse discurso notamos que a autora, se utiliza do argumento que ambos mesmo possuindo as qualificações parecidas, ela com a qualificação profissional ainda melhor consegue ser menos remunerada do que seu marido e em tom de indignação ela confirma fazer parte das estatísticas utilizando dados fornecidos por outro veículo de informação, o IBGE. Nesse momento conseguimos observar a construção dessa autora baseada na intertextualidade, pois ela utiliza de um dado retirado de outro local para acrescentar em seu discurso, com o intuito de informar e dar consistência ao mesmo.

O texto VI tem por título “*por que nós mulheres estamos tão furiosas?*” (Anexo F) A autora relata um fato cotidiano e explica as possíveis causas de as mulheres andarem mais irritadas com relação aos fatos cotidianos.

TEXTO VI

Mas fomos nós, mulheres, que sofremos o golpe mais forte. Este governo começou esfregando na nossa cara que não nos queria no jogo político ao selecionar ministérios só de homens com tantas brasileiras gabaritadas que teriam feito um excelente trabalho nos tirando da fossa da crise. Depois, o presidente insistia em nos ofender em dezenas de declarações como: “Ninguém melhor do que a mulher para indicar ‘desajustes de preços no supermercado’” — reforçando que, para ele, nosso lugar é ali, atrás do carrinho do supermercado e não nos gabinetes políticos ou nas mesas das

empresas. E somos nós que ainda somos largadas sozinhas para criar filhos pequenos de pais desumanos, mesmo ganhando 30% a menos de salário que homens que desempenham a mesma função. Logo, somos as que mais sofremos quando a crise econômica se aprofunda. Vocês sabiam que em 2015, auge da crise, o desemprego entre mulheres era 30% maior que entre homens? Quem diz não sou eu, mas o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/por-que-nos-mulheres-estamos-tao-furiosas>

No texto VI, a autora trouxe a temática política, para como exemplo ela utiliza a metáfora “esfregando na nossa cara” para mostrar sua indignação com a exclusão das mulheres quando se fala de questão política. Posteriormente, continua afirmando que a exclusão da figura feminina no meio político é provocada pelo homem citando “o presidente” que no contexto social, referiu-se a Michel Temer atual presidente da república, como representação masculina em que é alvo da reprodução machista, no trecho a autora trouxe partes do discurso do presidente para justificar as injustiças feitas pelos homens que reforçam o machismo repetindo estereótipos sociais associados a figura feminina, dessa forma acontece no texto III a autora cita frases que são produzidas no social pela figura masculina, reforçando o estereótipo de que a mulher seja feita somente para dedicar-se as tarefas do lar. O objetivo da autora nesse caso é criticar o papel que desempenha a figura masculina no reforço de estereótipos.

Em tom inconformada no trecho “e somos nós que ainda somos largadas sozinhas para criar filhos pequenos de pais desumanos” ela refere-se mais uma vez com tom de generalização, como forma de se aproximar desse leitor bem como colocar a mulher no papel de vítima e homem como algoz. Outro ponto interessante, é observar que novamente ela se utiliza dos dados expostos no texto VII, com o mesmo objetivo: mostrar que o homem independentemente da situação consegue se sobressair em relação a mulher. E para justificar essa exposição consegue por intermédio do recurso linguístico de comparação “o desemprego entre mulheres era 30% maior que entre homens”. Outra observação é o processo de repetição que acaba por provocar nessa autora um processo de autoparáfrase, tornando muitas vezes o texto cansativo pois a repetição com intuito de reforçar o que foi dito. Acaba por repetir indiretamente alguns trechos que pertencem a outros textos, o recurso comparativo continua sendo forte nesse texto, outro recurso é o da memória social, pois ela traz experiências que foram vividas por ela e contribuem para seu discurso.

O texto VII, intitulado “5 mandamentos para a sociedade ajudar criar bons pais” (Anexo G) tem como tema central situações que acontecem cotidianamente e permite aos pais

se sobressaírem em virtude da mulher, com isso a autora traz um dado que comprova paternidade e maternidade no ambiente de trabalho.

TEXTO VII

Dia dos Pais é sempre uma oportunidade ótima para a gente ver as duas réguas com que a sociedade mede paternidade e maternidade. É a melhor medição da semana, a meu ver, veio do estudo publicado pela pesquisadora Regina Madalozzo, do Insper. Depois de entrevistar 700 pais e mães com filhos de até seis anos, ela concluiu que ter filhos prejudica a mãe no mercado de trabalho, mas favorece os pais. É isso: o cara tem filhos e ganha aumento, prêmio salarial. A mãe passa a ser vista como um peso para a empresa — tem que dar licença-maternidade, onde já se viu? Tem que liberar mais cedo, que coisa é essa? **Disponível em:** <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/dissemina/5-mandamentos-para-a-sociedade-ajudar-a-criar-bons-pais>

No texto VII a autora volta a temática para o dia dos pais, e a marca de comparação aparece na metáfora “duas réguas” em que ela expõe a disparidade associada ao homem e mulher. O substantivo régua é utilizado no sentido de medir como as injustiças são acarretadas para a mulher mesmo que elas façam o que o homem faz. Quando se fala de maternidade e paternidade, conseguimos observar a repetição, pois ela cita no texto VI como é o processo de maternidade para a mulher no trecho desse texto, em que a mulher carrega a maternidade sozinha pois o homem se faz ausente. Ainda no trecho a autora traz um estudo que observou a disparidade ocasionada pela gravidez na vida da mulher, nesse momento vemos claramente o processo de interdiscurso em que a autora interage com o discurso da pesquisadora, se apoiando nele para tecer considerações sobre o tema ao qual ela está abordando naquele momento.

A partir desse momento com o enunciado “É isso: o cara tem filhos e ganha aumento, prêmio salarial. A mãe passa a ser vista como um peso para a empresa — tem que dar licença-maternidade, onde já se viu? Tem que liberar mais cedo, que coisa é essa? ” Nota-se no discurso da autora que o homem mais uma vez está em uma condição de superioridade em relação a mulher e para isso, ela novamente traz como argumento os discursos utilizados na sociedade, com um certo tom de ironia e indignação. Isso só reforça no discurso da autora as disparidades que são vistas por ela entre ambos os sexos. Com tom de indignação e sendo bem enfática a autora critica a partir dos verbos “prejudicar” e “favorecer” para referir-se ao homem e a mulher, nota-se a divisão que a autora fez em todos os textos até aqui no que diz respeito aos verbos, adjetivos utilizados. As comparações em que a figura masculina é vista como superior e possui regalias que não são destinadas as mulheres. A autora mostra sua indignação

através da ironia, como um modo de chamar atenção daquele leitor da mesma forma que fez nos outros textos até aqui.

O texto VIII tem por título “*Se todos acham errado encoxar, por que milhões são vítimas do crime?*” (Anexo H) E foi publicado em 09 de setembro de 2017, fala da impunidade por parte daqueles que praticam crimes sexuais e são acobertados pelos discursos sociais, como também das vítimas que surgem diariamente em virtude disso.

TEXTO VIII

Eles cometem a violência porque sempre acham que, em seu caso específico, há algo que justifique ou atenuem o próprio comportamento. E dizem: “Encoxar é errado, sem dúvida, mas com essa saia curta, ela está pedindo, então tudo bem”. Ou: “Passar a mão na bunda é mancada, mas é carnaval, quem vem pro bloco quer farra e sexo”. Vejo na minha mente pelo menos uma dúzia de homens que conheço em quem esse tipo de desculpa cairia como uma luva. Quase os visualizo dizendo algo do tipo. É muito fácil condenar um ato vago, sem rosto. É mais difícil se colocar na pele do possível assediador e pensar em como jamais ocupar este papel. E a verdade é que grande parte dos homens que conhecemos, provavelmente, já cometeu alguma violência sexual em alguma medida ao menos uma vez na vida. É assim, porque senão a conta não fecha. Passou a mão na bunda de uma desconhecida na balada; forçou um beijo numa micareta; “chegou chegando” quando a mulher não deu sinal algum de que queria aquilo. Ele era adolescente e imaturo, estava bêbado, era uma ex sobre a qual achava que tinha direitos. Vai ter sempre uma explicação, um jeito pra ele se colocar pra fora da turba de caras sacanas. “Imagine, eu, abusador?! Você está exagerando! Feminismo é uma loucura e você é uma feminazi odiadora de homens, quer defender que somos todos seres inferiores!”, alguns dirão (aliás, quantas vezes já li esses comentários aqui nesta coluna?). Mas digo isso justamente porque acredito no poder dos homens de serem parte da solução deste problema, que é social.

Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina/se-todos-acham-errado-encoxar-por-que-milhoes-sao-vitimas-do-crime>>.

No texto VIII com a temática violência, a autora passa a discutir a violência sofrida pelas mulheres, neste momento ela trouxe discursos que são bastante difundidos em sociedade como maneira de justificar e culpar uma possível vítima que neste caso é a mulher. “Encoxar é errado, sem dúvidas, mas com essa saia curta, ela está pedindo, então tudo bem”. Ou: “Passar a mão na bunda é mancada, mas é carnaval, quem vem pro bloco quer farra e sexo”. Nesse momento, observamos que esses discursos utilizados pela autora como exemplo, servem de base para sustentar seu discurso com tom indignado. Ela diz visualizar os possíveis homens que ocupariam esse lugar de desculpa argumentando ser mais cômodo pôr a culpa em uma possível vítima do que ele se enxergar na condição de algoz. A utilização do advérbio *jamais* reforça esse discurso. Justificando essa posição adotada por ela, utiliza-se da persuasão com o leitor, a

partir do “e a verdade é que grande parte dos homens que conhecemos, provavelmente, já cometeu alguma violência sexual em alguma medida ao menos uma vez na vida. É assim, porque senão a conta não fecha.” Nesse momento a autora não se vale mais da generalização, mas da persuasão com o leitor o fazendo refletir sobre a possibilidade de algum homem próximo ser culpado também.

A partir disso, em seu discurso a autora reforça mais uma vez que os homens aproveitam muitas vezes desses discursos carregados de estereótipos para defender seu posicionamento em relação a certas atitudes, nesse caso a violência sexual. Nesse momento em que ela retoma o que foi dito justificando que esse homem sempre consegue encontrar desculpas para não ser culpado por determinadas ações e novamente ela traz os discursos que circulam na sociedade, que servem para o homem como álibi e para a mulher como ofensa, desse modo conseguimos enxergar as duas faces do discurso em que na visão do homem, esse discurso cai como defesa e para a mulher como culpada dos atos de violência. “Imagine, eu, abusador?! Você está exagerando! Feminismo é uma loucura e você é uma feminazi odiadora de homens, quer defender que somos todos seres inferiores!”, alguns dirão (aliás, quantas vezes já li esses comentários aqui nesta coluna?)”.

Nesse trecho novamente conseguimos observar a opinião da autora em relação a condição do homem em seu discurso, ela enxerga que certas atitudes do homem são frutos de um problema social maior, o machismo. Para evidenciar esse pensamento, a autora constrói seu discurso se baseando em outros discursos que circulam na sociedade, produzindo interdiscurso e mostrando por meio da ideologia feminista, uma oposição às regras que são ditadas pela sociedade. O trecho aqui analisado igualmente aos outros tem um tom de indignação e produz efeitos de sentido semelhante aos outros, alertando sobre as regalias permitidas aos homens e limitações das mulheres. Para isso, ela faz uma avaliação negativa dessa condição, trazendo principalmente argumentos de fatos cotidianos, ou vivências que aconteceram em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, como tem sido comum em todos os textos aqui analisados, o último trecho é uma recuperação mais uma vez do tema maior ao qual a autora se detém, o machismo. O discurso que ela imprime não somente no texto VIII, bem como em todos os outros, é o de machismo como uma prática social que protege uma parcela da sociedade (homens) e

prejudica outra parcela (mulheres), e no discurso, para que seja percebido essa posição da autora ela se utiliza principalmente de três recursos linguísticos: em primeiro lugar, a comparação, que evidencia a disparidade entre os gêneros; para isso ela utiliza adjetivos, conjunções e verbos, que aparecem como ferramentas para enfatizar essa comparação. Em segundo lugar, ela recorre à ironia, através da qual imprime sua indignação mediante as regalias conquistadas pelos homens através do machismo, e esse recurso ameniza o que é falado por ela. Como terceiro recurso, há a repetição de determinadas palavras como machismo, opressor e dominador com o intuito de reforçar o que é falado por ela, ao mesmo que conseguimos perceber a recuperação do que é falado como também continuidade entre os discursos. Vale salientar também que o discurso produzido por ela, parte principalmente de outros discursos sociais, dessa forma conseguimos enxergar diversas formações discursivas que compõe um mesmo discurso. Concluimos assim, que nos textos analisados os recursos mais recorrentes são: comparação, ironia e repetição para construir a figura masculina como algoz.

Ao analisar os textos que compõem nosso corpus e buscando responder nossa pergunta de pesquisa – *Quais os discursos sobre a figura masculina estão presentes nos textos feministas de Nana Queiroz?* – Foi possível obter como resultado que todos partem de um mesmo discurso que foi baseado principalmente em uma caracterização do homem como algoz, isso nota-se pelos recursos que ela utiliza para designar essa figura masculina, a partir de termos com sentidos negativos. Para tanto, a autora em seu discurso recupera algumas estratégias discursivas como por exemplo, a *comparação* presente em todos os textos da autora, retratando o homem e suas atitudes especificamente como um parâmetro para a mulher. Outro fato interessante, é como o sujeito se coloca mediante esse discurso, a autora em questão utiliza a informalidade para se aproximar de seu leitor.

Conseguimos observar nos oito trechos de textos que analisamos, o uso de recursos linguísticos como a *repetição*, por vezes como forma de reafirmar o que foi dito, a paráfrase que a autora faz dos seus próprios textos, a *ironia* como forma de expandir e suavizar a sua indignação diante os problemas elencados por ela, e o recurso mais utilizado em todos, a *comparação* que aparece em todos os trechos analisados quando se trata de figura masculina como estratégia de reafirmar a disparidade entre homens e mulheres. Outro fator, o sujeito só diz o que diz, por que lhe foi oferecido espaço para que aquilo fosse dito, apesar da autora dizer que vê o homem como aliado, conseguimos observar que há uma contrariedade em relação a isso. Principalmente por que ela se sustenta na ideia de que o machismo, (por diversas vezes repetido em seus textos) consegue dar a esse homem a vantagem sobre diversos aspectos em

relação a mulher, e ele se aproveita desse privilégio, caracterizando-o como cúmplice dessa ideologia machista.

Desse modo, a AD teve um papel importante como embasamento para essa pesquisa pois ao analisar como esses discursos se constituem conseguimos observar a ideologia que perpassa e sustenta esse discurso bem como constitui o sujeito, bem como os recursos linguísticos que foram presentes, caracterizando a figura masculina como dominador, senhor de escravos, opressor e outros adjetivos a fim de estereotipar a figura masculina. Dessa forma, entendemos que o discurso da autora não foi dito exclusivamente por ela, mas sim baseado em uma ideologia que permitiu esse posicionamento. Outro fator, o sujeito só diz o que diz, por que lhe foi oferecido espaço para que o fosse, apesar da autora dizer ver o homem como aliado, conseguimos observar que houve uma contrariedade em relação a isso. Principalmente por que ela se sustenta na ideia de que o machismo, (por diversas vezes repetido em seus textos) consegue dar a esse homem a vantagem sobre diversos aspectos, caracterizando-o como cúmplice dessa ideologia machista.

Portanto nossa hipótese se confirma de uma figura masculina construída dentro do discurso da autora na condição de algoz e em contraste com a figura feminina, visto que esse movimento dá uma visibilidade maior à mulher em contraste a figura masculina, a partir de uma perspectiva do homem como algoz desses textos. Devido a todos os fatores elencados como os objetivos específicos e geral alcançados. Conseguimos ver a partir deste artigo, a importância de uma leitura crítica, que leva em consideração as condições de produção e de circulação desses textos, a fim de observar seus efeitos de sentido. Vemos também a importância de estudar temas de debates sociais, como o feminismo e como a AD pode contribuir sendo suporte para outras pesquisas não somente no campo teórico, mas no campo prático, analisando também o discurso das pessoas que buscam por esses textos, aprofundando ainda mais nossa pesquisa, e observando como esse discurso chega aos interlocutores e quais os possíveis impactos que ele promove no social.

Por fim, entendemos com base na teoria do discurso, que a figura masculina no discurso de Nana Queiroz, é caracterizada como sendo fruto de uma cultura machista que reproduz tais comportamentos sociais devido à uma garantia que lhe é dada, promovido pelos discursos sociais carregados de estereótipos. A autora traz em seu discurso, a figura masculina na condição de algoz, em detrimento da figura feminina que é caracterizada pela autora como vítima em todos os textos. Também conseguimos observar nesses textos, que o que é falado por ela, não é por acaso, mas sim por que existe todo um momento sócio histórico em que esse discurso se encontra e encontra espaço para que seja dito, mesmo que no social exista

diferenças de posicionamentos, que implicam nos conflitos desses discursos entre os sujeitos, pois as diferentes condições de produção determinam os aspectos sociais, históricos e ideológicos que sustentam essa manifestação da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Trad.J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes,1974
- HELENA, H. Nagamine Brandão. **Introdução à Análise do Discurso**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004 e 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick, **Discurso das Mídias**. Trad. Ângela S.M. Corrêa. – São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. 144p.
- FOUCAULT Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MATOSO, Felipe. Para 58,5%, comportamento feminino influencia estupros, diz pesquisa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/03/para-585comportamento-feminino-influencia-estupros-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 15.set.2017
- METROPOLE. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/disse-mina>> acesso em: 28.julho.2017
- OLIVEIRA, Grazielle; Korte, Júlia; Spinacé Natália; Carrera Isabella: Nem elas nem ninguém merece.... Disponível em:<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/04/nem-elas-nem-ninguem-mereceb.html>>. Acesso em: 17.set.2017 às 17:43
- ORLANDI, Eni Puccinelli, **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos/ Eni P. Orlandi –Campinas,SP: Pontes, 2ºed, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Texto e Discurso**. Unicamp, Pontes, 1ºed,1994
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos, 7º Ed, campinas SP: Pontes, 2007.
- POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: Ensaios sobre o discurso e o sujeito. 2º ed. 2004. Editora unificado LTDA. Curitiba
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1977.

ANEXO A - Por que tem tanta gente com medo do feminismo?

Não precisa ter medo desta coluna: sou feminista, mas até que sou legal. Já resgatei cachorrinho abandonado, cedo meu lugar para os velinhos no ônibus, nunca soneguei impostos e já fiz voluntariado com crianças carentes. Fico vendo por aí o povo querendo exorcizar feminista com água benta e isso parte meu coração! Poxa, gente, isso é não entender absolutamente nada do que significa ser feminista. Toda vez que alguém diz “Não sou feminista, sou humanista”, uma fada morre e uma bruxa se remexe no túmulo. Não tem frase mais sem sentido do que essa. Feminismo nada mais é do que um dos muitos braços dentro do guarda-chuva dos direitos humanos.

É a luta para que mulheres e homens tenham oportunidades iguais para se desenvolver enquanto seres humanos. Como esse objetivo será alcançado? Isso aí já dá umas três Bíblias e as feministas vão discordar da resposta. E tudo bem, porque feminista também vem em vários tamanhos e formas e eu aqui, que começo hoje esta coluna, sou uma feminista deboísta. Pra mim, feminismo não é sobre o que as mulheres não devem fazer, mas sobre as liberdades e direitos que têm – ou deveriam ter. É um reconhecimento de que as nossas diferenças são lindas, adoráveis e desejáveis.

Eu não acredito em perguntas proibidas, não acho que ninguém tem obrigação de ter lido “O Segundo Sexo” antes de vir opinar sobre direitos da mulher e acredito que ninguém possa ser excluído dessa conversa. Feminismo, para mim, é um abraço bem grande de amor. Nas mulheres, claro, mas também nos homens.”

Nos homens mesmo e sabe por quê? Porque esse padrão de masculinidade defendido pelo machismo é um negócio pra lá de sufocante e frágil. Homem não pode broxar, não pode chorar, não pode fazer exame de próstata porque é machão, não pode falar que tem depressão. E, do lado de cá, a gente não pode gostar de sexo, não pode mandar, não pode detestar criança, não pode usar roupa curta, não pode andar sozinha à noite. Um monte de cagação de regra que não permite que as pessoas sejam, simplesmente, quem são.

Tudo que as feministas querem é o fim dos privilégios. E vejam bem que não estou falando de benefício, mas de privilégio, o que é muito diferente. Lugar pro velinho sentar no metrô, por exemplo, é benefício, assim como licença maternidade. Isso vem do reconhecimento do Estado de que essas pessoas têm necessidades particulares. Agora, homens serem mais bem remunerados que mulheres é privilégio porque ocorre em detrimento de outra pessoa. A ideia de privilégio inclui a ideia de alguém que se sai mal na jogada. Mulher pagar menos na balada do que homem? Abro mão (ainda mais porque, se ganharmos o mesmo que os homens, vamos poder decidir por conta própria como gastar nosso dinheiro e muitas nem vão querer ir para o fervero).

Mas não venha mexer na minha aposentadoria mais cedo porque somos nós, mulheres, que trabalhamos 7,5 horas a mais por semana que os homens, com nossa dupla jornada — tudo que

a aposentadoria faz é reconhecer essa diferença e amenizar o quanto saímos prejudicadas nessa conta na hora de descansar.

ANEXO B - Precisamos de um feminismo que inclua os homens

Clarice Lispector disse, certa vez, numa coluna que tinha no Jornal do Brasil, que escrever era vender um pedaço da alma. Concordo tanto que não sei escrever de outro jeito. Talvez devesse vir aqui teorizar sobre equidade de gênero, mas só sei sair ofertando pedacinhos do meu espírito. E aqui vai o mais recente: não sei conceber uma teoria feminista sem os homens.

Segredo mais íntimo: se alguém tira o componente “homem” da equação, perco o interesse no assunto. Isso porque adoro os homens. Amo a diferença que eles me apresentam, como eles me mostram meus “lados masculinos”, e nas figuras de alguns homens específicos: meus três irmãos, meu pai, meu marido, meu melhor amigo. Não me leve a mal: amo-os com a mesma intensidade com que amo as mulheres e as pessoas que não se encaixam nem do lado de lá nem no de cá do espectro. E perco o interesse pelo feminismo sem homens da mesma forma com que perco o interesse por todas as outras teorias que esqueceram das mulheres. Como qualquer coisa interessante na vida pode excluir 50% da população mundial?

Eu, que fui iniciada no feminismo pela internet, tinha uma vergonha atroz de sentir isso. E, por ser iniciada nas redes sociais, tinha mesmo vergonha de pensar por conta própria. (Aliás, se me permite a digressão, a melhor coisa que você, pessoa inteligente que me lê, pode fazer é sair da internet imediatamente e ir ler um livro, a internet é um curral de gente que fala mais do que lê e, assim, fala um tanto injusto de bobagens rasas. Mas nesta semana fui salva por Bell Hooks. Ela é uma das mais respeitadas feministas negras americanas da atualidade e me salvou da superficialidade odiosa da internet. Bell Hooks me disse que incluir os homens no diálogo é um sinal de maturidade e evolução do pensamento feminista. Em seu livro “Feminism is for everybody” (Feminismo é para todos) ela me falou — foi um encontro tão íntimo que me sinto segura de que escreveu apenas para mim — exatamente assim:

“Quando o feminismo contemporâneo começou a se organizar, havia uma forte ala anti-homens. Mulheres heterossexuais que se juntavam ao movimento vinham de relacionamentos com homens que eram cruéis, nada gentis, violentos e infiéis. Muitos deles eram pensadores radicais que (...) falavam em defesa dos trabalhadores, dos pobres, contra o racismo. Mas quando se tratava da questão de gênero, eram tão machistas quanto os homens conservadores. (...) E as mulheres usavam essa raiva como catalisador de sua luta. Mas conforme o movimento e o pensamento feminista progrediam, feministas sábias perceberam que o problema não eram os homens, mas o patriarcado, o machismo e a dominação masculina.”

Olha que coisa preciosa: assim como eu, Bell Hooks ficava muito chateada que ganhassem mais voz nas mídias as mulheres que se opõem ao diálogo com os homens — mesmo que elas sejam a minoria. Por que será do interesse da cultura majoritária pintar o retrato das feministas como odiadoras de homens nada razoáveis? E Bell, que é educadora, defendia que o feminismo tinha um dever pedagógico para com o mundo e isso, sim, incluía os homens. “Garotos precisam de uma autoestima saudável. Eles precisam de amor. E uma política feminista sábia e amável pode oferecer a única estrutura que salvará as suas vidas.” Como Bell, que agora é minha íntima e nova teórica feminista favorita, eu sou louca de amores pelos homens. Mais:

acredito que o feminismo está aí, também, para libertá-los de uma série de amarras horríveis. Não estou falando apenas da proibição de chorar, ser sensível — que os levam a doenças psicológicas e ao suicídio como qualquer ser humano que nega uma parte essencial de si — mas de “regras da macheza” que são morte pura. Como o receio de fazer exame de próstata, que mata um homem a cada 40 minutos. Ou a ideia de que esfaquear alguém num bar (ou ser esfaqueado por) te faz “mais homem”.

Mas a verdade mesmo é que defendo um feminismo que inclua os homens porque amo um pouquinho mais as mulheres. E acredito que elas merecem mais do que uma teoria da exclusão — que foi exatamente o que os homens fizeram por dois milênios. E acho que elas merecem uma pedagogia da libertação, como a de Bell Hooks e de Paulo Freire, e não uma ditadura dos silêncios de quem tem este ou aquele órgão no meio das pernas. **O que os homens fizeram e fazem define quem eles são; o que nós faremos com nosso movimento, definirá quem nós somos.**” Eu desejo e sonho com um feminismo que inclua os homens e que eles saibam ser incluídos sem reproduzir suas estruturas de dominação, que saibam ouvir e ser comandados por mulheres quando cabe à circunstância. Mas que também tenham voz e que sua voz seja de quem está cansado de “ser café com leite”, de quem não precisa de regrinhas especiais para se dar bem no jogo da vida.

É um caminho mais árduo, mais longo e exige uma paciência tremenda. Mas é o único eficaz. Ou vamos colocar presos todos os homens após eles violarem a Lei Maria da Penha? Ou só vamos ouvir eles falarem do que acham do feminismo no banco dos réus dos julgamentos depois que já se tornaram agressores? Não seria mais eficiente incluir e dialogar para implantar o sábio ditado do “prevenir em vez de remediar”? Eu acredito nos homens. E acredito nas mulheres ainda mais. Tenho fé no poder da humanidade de debater este tema sem um ódio aterrador. Eu só não acredito que as redes sociais são o palco adequado para este debate urgente acontecer. Não ainda. Espero estar errada. Mas, por ora, continuo conversando com Bell Hooks, que não me humilha quando discordamos. Obrigada, Bell!

ANEXO C - quer mudar o mundo, rapaz? Comece pela louça!

As mulheres provavelmente são um dos últimos grupos a se libertar porque elas, afinal, dividem a casa com seus dominadores. Pois é: não é fácil enxergar o homem que você ama como opressor. Não é fácil perceber que seu pai, irmãos, marido, companheiro ou namorado se aproveitam do fato de que você é mulher para descansar 7 horas a mais por semana enquanto você trabalha — sim, este dado é do IBGE. Mas, acima de tudo, é super complicado transformar a casa da gente em campo de batalha.

Vou jogar a real: a não divisão das tarefas domésticas é a causa número 1 de separação entre todas as minhas amigas divorciadas. A gente casa, afinal, para ter um companheiro para vida e não um senhor de escravos, não é? E o mais revoltante é que este é um tema que já está tão naturalizado dentro da gente que nossos companheiros não aceitam que a gente meta isso na caixola deles. “De jeito nenhum! Eu?! Machista?! Mas eu sou um marido tão legal!” A verdade é que a maioria dos caras faz mesmo sem perceber. Eles até se convencem de que a gente gosta pra caramba de lavar a louça, esfregar privada e pendurar cuecas no varal. Não, amigo, a gente

não gosta mais disso do que você. E não tem nada no corpo feminino, ou no que vocês gostam de nomear “instinto” feminino, que nos faça fazer isso melhor que vocês.

Nas sábias palavras de Tati Quebra Barraco: “Gosto de casa limpa, gosto de cuidar da minha família, porém... a obrigação não é só minha, é de todos que moram aqui. Como costumo dizer: não varro a casa com a vagina, mas ‘sim’ com as mãos e mãos todos têm.”

E aí vêm com aquela historinha de que eles não se importam em ter a casa bagunçada, que a gente que é perfeccionista. Que balela, meus amigos, vamos ser honestos. De casa limpa todo mundo gosta porque ninguém curte dividir moradia com fungos, ácaros e bactérias. E dizer que não liga porque o limite da outra pessoa é menor que o seu e ela vai acabar fazendo antes de você sequer chegar a pensar nisso é bem cômodo.

Mas a pior versão do companheiro folgado é aquele que não faz absolutamente nada por conta própria, não troca nem o rolo do papel higiênico que acabou, e aí, quando você perde o controle, te taxa de louca. Não, não somos loucas, nós estamos é sobrecarregadas! Não é à toa que a Organização das Nações Unidas (ONU) incluiu a divisão justa das tarefas domésticas entre as nove metas para conquistar a igualdade de gênero nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Pode parecer pequeno discutir quem lava a louça quando há tantas mulheres sendo estupradas e morrendo em decorrência de abortos clandestinos e surras de parceiros, mas a verdade é que o problema atinge as mulheres de maneiras muito mais profundas do que se imagina — e pode ser a raiz da maioria dos empecilhos para a equidade de gênero hoje. “A divisão sexual do trabalho é base fundamental das injustiças e desigualdades de gênero das sociedades contemporâneas”, opina Flávia Biroli, autora do livro “Feminismo e Política” (Boitempo, 168 páginas, R\$ 34). “Quando observamos a subrepresentação das mulheres na política e em cargos de comando das empresas, vemos que a falta de tempo está logo na raiz. E isso acontece porque elas estão sobrecarregadas pela dupla jornada. Quem vai pensar em carreira política ou em subir a posto de chefia depois de um dia de 14, 15 horas?”

Maridos, namorados e demais companheiros, vou dar um desafio pra vocês esta semana: tentem mudar o mundo. Mas, assim, pra valer. E comece com sabão e bucha, que a louça te espera! Isso “sim” é prova de amor!

ANEXO D - Me dá licença para ser feia, faz favor?

No ano passado, eu cortei meu cabelo bem curto e pinteí de azul. Ficava até simpático no primeiro dia, mas depois, desbotava e era feio pra dedéu. Todo mundo vinha para mim, inconformado: “Mas por que você fez isso? Antes era bem mais bonito!”. Ao que eu respondia, simplesmente: “E quem disse que eu só mudo minha aparência para ser bonita?”. Sabem qual é? A gente vive dum jeito que mulheres não têm direito de ser feias. Como se eu não tivesse um montão de outras mensagens para passar com meus looks e cortes de cabelo do que ser um bibelô. Meu cabelo azul era eu dizendo: “Olha, eu, por dentro, tô assim meio rebelde. Tô contando para vocês que sou estranha. Me dá licença de ser feia, faz favor?” Não sou diferentona, não, pessoal. O movimento pelo direito de ser feia existe e tem nome: neutralidade corporal (ou body neutrality, no inglês). A escritora Caleb Luna tem uma frase que eu adoro e resume bem essa ideia: “Embora eu tenha uma enorme quantidade de amor próprio, esse amor

está mais ligado a quem eu sou do que ao corpo no qual eu existo”. Vamos fazer um exercício. Vem comigo você que gosta de meninos. Passe na mente a lista dos carinhos por quem você já se interessou. Não sei vocês, mas eu já até cheguei a dizer pras minhas amigas que “ele tinha um jeito charmoso de ser feio”. Homem pode ser engraçado, brilhante, intelectual, charmoso, amoroso, íntegro, honesto, bem-sucedido. Mulher pode ser tudo isso aí, mas se for feia, está desclassificada.

“Até no emprego, tem que ser bonita. Já trabalhei em lugares em que as funcionárias do comercial eram cobradas de terem as unhas feitas e usar salto.””

E isso vem num contexto histórico em que as demandas sobre as mulheres só se multiplicam. Quando decidiram sair de casa pra trabalhar, as mulheres tiveram que lidar com a dupla jornada de tarefas do lar mais o emprego fora. Mas quando os eletrodomésticos começaram a facilitar nossas vidas, o machismo teve uma outra ideia pra breçar esse avanço. Criou a “terceira jornada”, que seria a beleza. Ou seja, além de ser boa dona de casa, mãe e competente, agora as mulheres tinham que ser bonitas — como se isso fosse um valor profissional. Uma escritora americana que eu adoro, a Naomi Wolf, chamou essa teoria de “O Mito da Beleza”, num livro que publicou nos anos 1990.

E é aí que entra em cena o movimento do “ame seu corpo”. A gente vive um momento em que as marcas de cosméticos e revistas femininas — a que eu dirijo, inclusive — têm entendido que isso é absurdo e se aberto pra ideia de que existem muitas belezas e devemos aprender amá-las e respeitá-las. Sem impor estereótipos para ninguém. Mas será que a coisa deve parar por aí? Porque, na hora do “vamos ver”, a gente não se acha bonita todo dia. E tudo bem! A gente continua sendo incrível em mil outras maneiras, não é mesmo?

O problema do “ame o próprio corpo” é que ele é um discurso ingênuo e que sobrecarrega as mulheres com mais uma exigência. Vira a “quarta jornada” de trabalho. Pra começar, ele ignora que padrões de beleza existem e a gente sempre vai estar se autoavaliando com essas régua. Além do mais, porque amar meu corpo não é um movimento para eu fazer sozinha (ou junto com minha terapeuta). É uma transformação que envolve a sociedade em geral, os ensaios de moda, as propagandas, azamiga, os boy magia da balada e etc e tal.

Depois, porque ele cria para as mulheres um novo tipo de pressão: o de ser seguras e confiantes o tempo todo, o que — pelo amordemeupaizinho — é uma puta duma exigência gigante! Então, pessoal, por favor, podem me dar licença pra ser feia? Porque num mundo de quatro jornadas, ser feia virou atestado político para as mulheres.

ANEXO E - Não vamos mudar um marido por vez, mas uma deputada por vez

Quando se rebelaram contra seus dominadores, colonizados foram às guerras de independência. Proletários cortaram as cabeças da nobreza. Negros escravizados fugiram ou lideraram motins. Mas as mulheres que lutam contra o machismo enfrentam uma particularidade complicadora: como combater o opressor que mora dentro de casa e, em alguns casos, que se ama?

E, mesmo nos casos em que o cara ao seu lado é superlegal, a injustiça está sempre lá, gritando na nossa cara. No meu caso, por exemplo. Sou casada com um homem justo, que partilha as tarefas da casa, valoriza minha independência, nunca se atreveu a ditar regras sobre as roupas que uso ou fazer ceninhas de ciúme como se eu fosse propriedade dele. Mulher de sorte, eu sou – ele também, claro, mas falamos disso mais tarde.

Contudo, veja só: nós dois nos formamos no mesmo curso, na mesma universidade. Trabalhamos em veículos de prestígio, publicamos bons livros que foram elogiados. Eu tenho, ainda, uma pós-graduação e alguns cursos extracurriculares no exterior a mais que ele no currículo. E, mesmo assim, nós dois nunca ganhamos sequer o mesmo salário. Ilustramos perfeitamente aquela estatística do IBGE que diz que mulheres recebem, em média, 30% a menos que os homens para desempenhar as mesmas funções.

Eu sou uma pacifista. Sou uma grande defensora do diálogo e da educação como as maneiras mais eficientes de mudar o mundo. Elogio meu marido quando cozinha bem ou limpa o fogão porque acredito que reforço positivo funciona. Critico com clareza e dureza também, porque sei que adultos maduros também aprendem errando. E escuto, entendo, perdo.

Mas o mundo nos mostra, sempre, as limitações dessa abordagem individual. Apesar de ser muito importante trabalharmos para transformarmos as mentes e corações dos homens que amamos, não vamos mudar o mundo um marido por vez. Nós precisamos de ação política, nós precisamos de leis Maria da Penha, de leis de incentivo, de sanções por desigualdade salarial, de cotas. Nós precisamos ser as pessoas que pensam e escrevem essas leis."

Nesta semana, me fez rir a proposta de alguns parlamentares, como se fosse coisa muito generosa, de reservar 10% do fundo de campanha bilionário que eles querem criar para campanhas de mulheres. Meus caros, esses 10% obrigatórios, nós sabemos bem, serão o teto e não o piso dos gastos com nossas campanhas eleitorais.

Não precisamos de esmolas, precisamos de assentos no Congresso, no Senado, na presidência. Precisamos ter força na determinação das leis porque a boa vontade do meu marido e meus esforços de transformá-lo num ser humano melhor nunca bastarão para nos fazerem iguais de verdade. O de nenhuma de nós vai bastar.

São atitudes essenciais, é claro – idealista romântica que sou, acredito que o amor e os laços sociais são importantes fatores de transformação política em pequena escala. Mas esses esforços pedagógicos têm a limitação de depender da vontade do outro. E muitos dos outros – basta observar os homens da política brasileira – não têm vontade alguma de se deixar transformar. É aí que cabe a força do todo, a força da lei. Por isso, queridos deputados, vos dizemos: não aceitaremos nada menor que 50%, porque são os 50% da fatia populacional que nos cabe por direito. Somos 50% dos pagadores de impostos. Não precisamos de esmolas, repito, precisamos de poder. E este é o limite do meu amor por qualquer homem.

ANEXO F - Por que nós mulheres estamos tão furiosas?

Nesta semana, uma mulher atirou uma taça de vidro em mim. Eu nem era o alvo de sua ira — ela estava brava com a gerente da loja de artigos para a casa que, pelo que eu entendi, não quis lhe dar um desconto em um cobertor. (Tá frio mesmo esses dias, aliás). Mas, enquanto ela saía bufando pela porta da loja, agarrou uma taça cara na prateleira — uma que eu estava desejando

ter dinheiro pra comprar — e meteu no chão com toda a força que os estilhaços passaram a centímetros do meu corpo. Fisicamente, tive a sorte de sair ilesa. Não digo o mesmo das minhas emoções.

Logo mais, apareceram a gerente, pálida, e as funcionárias daquele plantão, abaladas pela violência do ato. E eu, compadecida por elas, por mim, pela taça que eu não podia comprar, belíssima, aos cacos sem ninguém nunca usar. Mas, principalmente, eu estava abalada pelo que o gesto desvelava sobre a natureza humana: somos seres de agressão gratuita. E aí pensei: será mesmo?! E me arrisco num palpíte aqui. Por que estamos tão nervosas? Tenho sentido por esses últimos meses de crise econômica e política um clima pesado, triste e colérico em Brasília. Tem uma belicosidade latente no ar, sabe? Parece que estamos todos à beira de um colapso de nervos, feito personagens de filmes do Almodóvar. Sim, é claro, todos nós, brasileiros e brasileiras, estamos enfurecidos por estarmos constantemente sendo feitos de trouxa. Parece que toda a vida jogamos nosso voto (e nossa confiança) no lixo por gente que nos apunhalou pelas costas. O Brasil em crise, a gente morrendo de medo de perder o emprego e assistindo os direitos trabalhistas indo pelo ralo enquanto os deputados e juizes não abrem mão das regalias que elevam seus salários para muito além do teto constitucional. E a gente está tão desesperançoso que nem sente mais que vale a pena ir a protestos ou assinar petições ou fazer qualquer coisa: “Quem vem pra substituir é pior”, dizem meus amigos, e eu nem consigo discordar sem me sentir desonesta.

fomos nós, mulheres, que sofremos o golpe mais forte. Este governo começou esfregando na nossa cara que não nos queria no jogo político ao selecionar ministérios só de homens com tantas brasileiras gabaritadas que teriam feito um excelente trabalho nos tirando da fossa da crise. Depois, o presidente insistia em nos ofender em dezenas de declarações como: “Ninguém melhor do que a mulher para indicar ‘desajustes de preços no supermercado’” — reforçando que, para ele, nosso lugar é ali, atrás do carrinho do supermercado e não nos gabinetes políticos ou nas mesas das empresas.

E somos nós que ainda somos largadas sozinhas para criar filhos pequenos de pais desumanos, mesmo ganhando 30% a menos de salário que homens que desempenham a mesma função. Logo, somos as que mais sofremos quando a crise econômica se aprofunda. Vocês sabiam que em 2015, auge da crise, o desemprego entre mulheres era 30% maior que entre homens? Quem diz não sou eu, mas o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Naquele ano, o instituto coletou dados do desemprego por sexo e idade e mostrou ainda que as mulheres em idade fértil — ou seja, naquela fase “crítica” em que podem engravidar — eram mais prejudicadas: 26% das mulheres entre 18 e 49 anos estava sem emprego, em comparação com 19,7% dos homens na mesma faixa etária. Como se renovar a força de trabalho brasileira através da reprodução não fosse um serviço à sociedade, mas um ato que merece punição. Sim, estamos sofrendo mais com tudo isso e estamos furiosas — não sem razão. Estamos trabalhando muito, ganhando menos, com mais medo, mais responsabilidades. Temos um governo que, além de não nos representar, nos ofende. Não conseguimos, como a moça nervosa da loja, comprar cobertores para nossos filhos. Mas estamos canalizando muito mal a nossa ira." Eu, particularmente, acredito muito no poder de liderança feminino. Eu queria que a gente liderasse as ruas por mudanças. Exigisse, nesta semana, que o Congresso aprovasse a denúncia contra o presidente Michel Temer, por exemplo. Eu queria que a gente vociferasse nossos ódios em palanques como candidatas em 2018. Eu queria que a gente usasse toda essa insatisfação para tomar o poder e fazer diferente e não umas contra as outras. Que a gente arrepentasse as estruturas da política e não taças de luxo nos pés de outras mulheres.

Eu perdoo a minha colega raivosa do shopping, mesmo que ela tenha me feito sair da loja chorando naquele dia. Amiga desconhecida, eu também estou enfurecida, assim como queria poder pagar por artigos de casa necessários ao bem estar da minha família. Quem sabe um dia, nós duas juntas possamos canalizar toda essa frustração na construção de um país mais justo? Te espero em outras arenas de luta.

ANEXO G - 5 mandamentos para a sociedade ajudar criar bons pais

Dia dos Pais é sempre uma oportunidade ótima para a gente ver as duas réguas com que a sociedade mede paternidade e maternidade. E a melhor medição da semana, a meu ver, veio do estudo publicado pela pesquisadora Regina Madalozzo, do Insper. Depois de entrevistar 700 pais e mães com filhos de até seis anos, ela concluiu que ter filhos prejudica a mãe no mercado de trabalho, mas favorece os pais. É isso: o cara tem filhos e ganha aumento, prêmio salarial. A mãe passa a ser vista como um peso para a empresa — tem que dar licença-maternidade, onde já se viu? Tem que liberar mais cedo, que coisa é essa?

Mas um outro insight maravilhoso sobre o tema apareceu na minha timeline, no desabafo de um pai, o Matheus Pichonelli: “Nesse dias dos pais, queria agradecer a todo mundo que não associou o tempo dedicado a meu filho como uma falha do amigo que já não frequenta bares, restaurantes e até festas de aniversário depois das 18h com a mesma facilidade de antes”. Pra mim, a sacada genial do Matheus foi apontar que, se tem tanto pai medíocre por aí, talvez seja porque nós, como sociedade, estamos criando um clima em que ser mau pai é digno de celebração, enquanto dedicar-se no mesmo nível que as mães, motivo de chacota. Claro, todo homem adulto é responsável por suas ações (ou falta de ação) e deve responder sozinho por elas. Mas nós, enquanto amigos, podemos colaborar. E, mesmo que não tenhamos filhos, podemos mudar as brincadeiras que fazemos, os comportamentos que valorizamos e a cultura que promovemos para uma que valorize uma participação igualitária entre pais e mães na vida das crianças. Inspirada no Matheus, fiquei bolando uns mandamentos para os comprometidos em construir uma sociedade com melhores pais:

1. Não pressionarás seu colega pai a ficar no happy hour até tarde. Lembre-se: por trás de todo pai bêbado e feliz pode haver uma mãe sobrecarregada e crianças que não usufruem suficientemente da companhia de seu pai.
2. Não te portarás como se cada gesto de boa paternidade merecesse um Oscar. Claro, ser bom pai é algo muito louvável, como o é ser boa mãe. Mas é isso: o cara não faz mais que a obrigação e não merece créditos extras para aprontar com a esposa mais tarde e ser perdoado porque, afinal, “ah, mas ele é tão bom pai”.
3. Não chamarás teu amigo de “pau mandado” da mulher quando ele dividir as tarefas relativas às crianças com ela. Ou a gente chama a mulher de pau-mandado quando ela, sozinha, lava, passa, cozinha, trabalha fora, ajuda a criança a fazer lição de casa, dá banho e põe pra dormir? Por um acaso precisa de dois cromossomos X pra conseguir fazer essas tarefas?

4. Não te omitirás quando um pai fugir da paternidade. Pra começar, paternidade só é escolha na hora do sexo. Parceira grávida, se torna obrigação. Nenhuma mulher é megera por demandar pensão; não trate seu amigo como coitadinho, se ele não estiver querendo pagar, não seja omissivo: critique.

5. Acharás normal quando um subordinado na empresa tiver que sair mais cedo do trabalho pra levar o filho no hospital e deixarás claro a seus funcionários que esta é uma possibilidade para outros pais. Se pais e mães alternassem as responsabilidades com emergências em horário de trabalho, ia ficar mais leve pra todo mundo – inclusive para os empregadores. Além disso, as mães iam deixar de sofrer um estigma tão forte de que são piores profissionais depois que dão à luz. E você, que mandamento acrescentaria a esta listinha?

ANEXO H - Se todos acham errado encoxar, por que milhões são vítimas do crime?

Nesta semana uma pesquisa do Instituto Locomotiva apresentou uma conta que parece não fechar. Afinal, se 94% da população acredita que uma mulher ter o corpo tocado sem autorização é uma forma de violência sexual, por que 13,7 milhões delas passaram por isso apenas em 2017? (Vale lembrar que ainda faltam quatro meses para o ano acabar. Se continuarmos no mesmo ritmo, elevaria a cifra a 20 milhões). Ou temos uns 6% de população tarada extremamente ativa ou há muita gente que comete tais atos sabendo que eles são errados, achando, inclusive, que deveriam ser crime. Será que esses homens saem por aí, como vilões do “Criminal Minds”, sendo deliberadamente maus? Acredito que não. Ao menos não a maioria.

Eles cometem a violência porque sempre acham que, em seu caso específico, há algo que justifique ou atenuar o próprio comportamento. E dizem: “Encoxar é errado, sem dúvida, mas com essa saia curta, ela está pedindo, então tudo bem”. Ou: “Passar a mão na bunda é mancada, mas é carnaval, quem vem pro bloco quer farra e sexo”. Vejo na minha mente pelo menos uma dúzia de homens que conheço em quem esse tipo de desculpa cairia como uma luva. Quase os visualizo dizendo algo do tipo.

É muito fácil condenar um ato vago, sem rosto. É mais difícil se colocar na pele do possível assediador e pensar em como jamais ocupar este papel. E a verdade é que grande parte dos homens que conhecemos, provavelmente, já cometeu alguma violência sexual em alguma medida ao menos uma vez na vida. É assim, porque senão a conta não fecha. Passou a mão na bunda de uma desconhecida na balada; forçou um beijo numa micareta; “chegou chegando” quando a mulher não deu sinal algum de que queria aquilo. Ele era adolescente e imaturo, estava bêbado, era uma ex sobre a qual achava que tinha direitos. Vai ter sempre uma explicação, um jeito pra ele se colocar pra fora da turba de caras sacanas. “Imagine, eu, abusador?! Você está exagerando! Feminismo é uma loucura e você é uma feminazi odiadora de homens, quer defender que somos todos seres inferiores!”, alguns dirão (aliás, quantas vezes já li esses comentários aqui nesta coluna?). Mas digo isso justamente porque acredito no poder dos homens de serem parte da solução deste problema, que é social.

Somos todos criados em uma cultura que defende que as mulheres sejam punidas por sua sexualidade – “tava pedindo, mereceu ser estuprada”. E tomar consciência de como somos,

cada um de nós, parte do problema e causadores diretos do problema é doloroso, mas é o único caminho pra fora da merda. É reconhecer os erros, emendá-los na medida do possível e nunca mais repetir, transformar-se.

Querem um *mea culpa* meu também? Também sou culpada pela nossa epidemia de encoxamentos. Sabem por quê? Porque eu também já julguei mulheres por vestirem roupas muito reveladoras; eu também já me peguei participando de conversas em que outra mulher era criticada por usufruir de sua liberdade sexual. Eu também já culpei, inclusive, a mim mesma por vestir-me de forma provocante e tomar uma mão não desejada por baixo da minha saia. E se eu, que sou mulher e uma dessas 13 milhões, sou parte do problema, como algum homem pode ler esta coluna e achar que não tem que olhar pra trás e analisar os próprios comportamentos?